

Gabriel
García
Márquez

CRÔNICA DE UMA MORTE
ANUNCIADA



Exilado dos livros

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Gabriel García Márquez

**CRÔNICA DE UMA
MORTE ANUNCIADA**

CÍRCULO DE LEITORES

Título original:

CRONICA DE UNA MUERTE ANUNCIADA

Tradução de:

FERNANDO ASSIS PACHECO

A caça de amor é de altanaria.

GIL VICENTE

NO DIA EM QUE IAM MATÁ-LO, Santiago Nasar levantou-se às 5 e 30 da manhã para esperar o barco em que chegava o bispo. Tinha sonhado que atravessava uma mata de figueiras-bravas, onde caía uma chuva miúda e branda, e por instantes foi feliz no sono, mas ao acordar sentiu-se todo borrado de caca de pássaros. "Sonhava sempre com árvores", disse-me a mãe, Plácida Linero, recordando vinte e sete anos depois os pormenores daquela segunda-feira ingrata. "Na semana anterior tinha sonhado que ia sozinho num avião de papel de estanho que voava sem tropeçar por entre as amendoeiras", disse-me. Tinha uma reputação bastante bem ganha de intérprete certa dos sonhos alheios, desde que lhos contassem em jejum, mas não descobrira qualquer augúrio aziago nesses dois sonhos do filho, nem nos restantes sonhos com árvores que ele lhe contara nas manhãs que precederam a sua morte.

Santiago Nasar também não reconheceu o presságio. Dormira pouco e mal, sem despir a roupa, e acordou com dores de cabeça e com um sedimento de estribo de cobre na boca, e interpretou-os como estragos naturais da farra de casamento que se tinha prolongado até depois da meia-noite. E mais ainda: as muitas pessoas, com quem se encontrou desde que saiu de casa às 6.05 até ser despedaçado como um porco uma hora depois, recordavam-no um bocado sonolento mas de bom humor, e a todas comentou de modo fortuito que fazia um dia lindo. Ninguém tinha a certeza de ele se referir ao estado do tempo. Muita gente coincidia na recordação de que era uma manhã radiante com uma brisa marinha que chegava por entre os bananais, como era de admitir que assim fosse num bom Fevereiro daquela época. Mas a maioria estava de acordo em que fazia um tempo fúnebre, com um céu turvo e baixo e um cheiro intenso a águas paradas, e que no preciso instante da desgraça caía uma chuva miúda como a que Santiago Nasar vira no bosque do sonho. Eu estava a recompor-me da pândega do casamento no regaço apostólico de Maria Alejandrina Cervantes, e quase não acordei com o barulho dos sinos tocando a rebate, porque pensei que os tinham desatado em honra do bispo.

Santiago Nasar enfiou umas calças e uma camisa de linho branco, ambas por engomar, iguais às que vestira no dia anterior para o casamento. Era roupa janota. Não fora a chegada do bispo e teria vestido o fato de caqui e calçado as botas de montar com que ia todas as segundas-feiras ao "Divino Rosto", a fazenda de gado que herdara do pai, e que ele administrava com bastante tino, se bem que sem grandes resultados. Quando saía ao monte levava à cintura um 357 Magnum, cujas balas blindadas, segundo dizia, podiam rachar um cavalo ao meio. No tempo das perdizes levava também os seus apetrechos de falcoaria. No armário tinha, além disso, uma espingarda 30.06 Malincher Schonauer, uma espingarda 300 Holland

Magnum, uma 22 Hornet com mira telescópica de dois comandos, e uma Winchester de repetição. Dormia sempre como dormiu o pai, com a arma escondida na fronha do travesseiro, mas antes de sair de casa naquele dia retirou os projecteis e pô-los na gaveta da mesinha-de-cabeceira. "Nunca a deixava carregada", disse-me a mãe. Eu sabia disso, e sabia também que ele guardava as armas num sítio e escondia as munições noutra sítio bastante afastado, para que ninguém cedesse, nem por acaso, à tentação de carregá-las dentro de casa. Era um costume sábio imposto pelo pai desde uma manhã em que uma criada sacudiu o travesseiro para tirar a fronha, e a pistola disparou-se ao embater no chão, e a bala escaqueirou o armário do quarto, atravessou a parede da sala, passou com um estrondo de guerra pela sala de jantar da casa vizinha e converteu em pó de gesso um santo em tamanho natural no altar-mor da igreja, do outro lado da praça. Santiago Nasar, então menino, não esqueceu nunca a lição daquele percalço.

A última imagem que a mãe guardava dele era a da sua passagem fugaz pelo quarto. Acordara-a, quando tentava encontrar às apalpadelas uma aspirina no armário do quarto de banho, e ela acendeu a luz e viu-o aparecer na porta com o copo de água na mão, tal como haveria de recordá-lo para sempre. Santiago Nasar contou-lhe então o sonho, mas ela não prestou atenção às árvores.

— Todos os sonhos com pássaros são de boa saúde — disse.

Viu-o da mesma rede e na mesma posição em que eu a encontrei prostrada pelas últimas luzes da velhice, quando voltei a esta terra esquecida, tentando reconstituir com tantos estilhaços disperses o espelho quebrado da memória. Mal distinguia as formas em plena luz, e tinha folhas medicinais nas fontes para a eterna dor de cabeça que lhe deixou o filho, da última vez que passou pelo quarto. Estava de costas, agarrada às cordas do cabeçal da rede a ver se se levantava, e havia no escuro o cheiro a baptistério que me surpreendera na manhã do crime.

Mal eu apareci no vão da porta, confundiu-me com a recordação de Santiago Nasar. "Estava aí", disse-me. "Vestia o fato de linho branco lavado só com água, porque tinha uma pele tão delicada que não suportava o estalar da goma." Ficou bastante tempo na rede, mastigando grãos de cardamina, até que lhe passou a ilusão de que o filho voltara. Então suspirou: "Foi o homem da minha vida."

Vi-o na sua memória. Tinha feito 21 anos na última semana de Janeiro, e era esbelto e pálido, e tinha as pálpebras árabes e os cabelos crespos do pai. Era o filho único de um casamento de conveniência que não teve um só instante de felicidade, mas ele parecia feliz com o pai até este morrer de repente, três anos antes, e continuou a parecê-lo com a mãe solitária até à segunda-feira da sua morte. Dela herdara o instinto. Do pai aprendera desde pequeno o domínio das armas de fogo, o amor aos cavalos e a maestria das aves de presa de alto voo, mas dele aprendera também as boas artes da coragem e da prudência. Falavam árabe entre ambos, mas nunca diante de Plácida Linero para ela se não sentir posta à margem. jamais ninguém os viu armados na vila, e a única vez que trouxeram para a rua os seus

falcões amestrados foi para fazerem uma demonstração de altanaria numa quermesse de caridade. A morte do pai forçara-o a abandonar os estudos no fim da escola secundária, para tomar conta da fazenda familiar. Pelos seus méritos próprios, Santiago Nasar era alegre e pacífico, e de coração fácil. No dia em que iam matá-lo, a mãe pensou que ele se tinha enganado na data, quando o viu vestido de branco. "Lembrei-lhe que era segunda-feira", disse-me. Mas o filho explicou-lhe que se tinha vestido de ponto em branco pensando na hipótese de oscular o anel ao bispo. Ela não deu qualquer mostra de interesse.

— Nem sequer vai descer do barco — disse-lhe. — Dá uma bênção de compromisso, como sempre, e volta por donde veio. Tem ódio a esta terra.

Santiago Nasar sabia que era verdade, mas os fastos da igreja produziam-lhe um fascínio irresistível. "É como o cinema", tinha-me dito uma vez. à mãe, em compensação, a única coisa que lhe interessava da chegada do bispo era que o filho se não molhasse, pois ouvira-o espirrar enquanto dormia. Aconselhou-o a levar um guarda-chuva, mas ele deu-lhe um adeus com a mão e saiu do quarto. Foi a última vez que o viu.

Victoria Guzmán, a cozinheira, tinha a certeza de que não chovera naquele dia, nem em todo o mês de Fevereiro. "Qual chuva", disse-me ela quando vim vê-la, pouco antes de morrer. "O Sol aqueceu mais cedo do que em Agosto." Estava a espostejar três coelhos para o almoço, rodeada de cães ofegantes, quando Santiago Nasar entrou na cozinha. "Levantava-se sempre com cara de mal dormido", recordava sem amor Victoria Guzmán. A filha, Divina Flor, que começava então a florescer, serviu a Santiago Nasar uma almoçadeira de café estreme com um cheiro de aguardente de cana, como todas as segundas-feiras, para ajudá-lo a aliviar a ressaca da noite anterior. A cozinha enorme, com o murmulho do lume e as galinhas adormecidas nos poleiros, tinha uma respiração sigilosa. Santiago Nasar mastigou outra aspirina e sentou-se a beber em sorvos lentos a almoçadeira de café, pensando devagar, sem afastar a vista das duas mulheres que estripavam os coelhos na fornalha. Apesar da idade, Victoria Guzmán estava bem conservada. A menina, ainda um bocado montaraz, parecia sufocada pelo ímpeto das glândulas. Santiago Nasar agarrou-a por um pulso quando ela vinha buscar a almoçadeira vazia.

— Já estás em boa altura de ser desbravada — disse-lhe.

Victoria Guzmán mostrou-lhe a faca tinta de sangue.

— Larga-a, branco — intimou em tom sério. — Desta água não beberás enquanto eu for viva.

Fora seduzida por Ibrahim Nasar em plena adolescência. Ele tinha-a amado em segredo durante anos nos estábulos da fazenda, e levou-a a servir em casa, quando se lhe acabou o afecto. Divina Flor, que era filha de um marido mais recente, sabia-se destinada à cama furtiva de Santiago Nasar, e essa ideia provocava-lhe uma ansiedade prematura. "Não voltou a nascer outro homem como aquele", disse-me, gorda e gasta, e rodeada pelos filhos de outros amores. "Era o pai chapado", replicou

Victoria Guzmán. "Um merdas." Mas não pôde evitar um lampejo de espanto ao recordar o horror de Santiago Nasar, quando ela arrancou com um sacão as entranhas de um coelho e lançou aos cães essas tripas fumegantes.

— Não sejas bruta — disse-lhe ele. — Imagina que era um ser humano.

Victoria Guzmán precisou quase de vinte anos para perceber que um homem acostumado a matar animais indefesos pudesse exprimir assim de súbito semelhante horror. "Santo Deus" exclamou assustada, "quer-se dizer que tudo aquilo foi uma revelação!" Na manhã do crime, porém, tinha tantas raivas atrasadas que continuou a cevar os cães com as vísceras dos outros coelhos, só para amargar o pequeno-almoço a Santiago Nasar. Assim estavam, quando toda a vila acordou com o bramido estremecedor do barco a vapor em que chegava o bispo.

A casa era um antigo armazém de dois pisos, com paredes de pranchas grossas e um telhado de zinco de duas águas, no qual pousavam os urubus de sentinela aos desperdícios do porto. Tinha sido construído no tempo em que o rio dava tanta serventia que muitos batelões, e até mesmo alguns barcos de grande calado, se aventuravam até aqui através dos pantanais do estuário. Quando veio Ibrahim Nasar com os últimos árabes, no fim das guerras civis, já não chegavam os barcos de mar devido às alterações do rio, e o armazém estava em desuso. Ibrahim Nasar comprou-o por tuta-e-meia para instalar nele uma loja de artigos de importação que nunca instalou, e só quando estava para casar é que o transformou em casa de habitação. No rés-do-chão abriu um salão que servia para tudo, e construiu nos fundos uma cavaliariça para quatro animais, os cómodos de serviço e uma cozinha de fazenda com janelas para o porto por onde entrava a toda a hora a pestilência das águas. A única coisa que deixou intacta no salão foi a escada de caracol recuperada de algum naufrágio. No piso de cima, onde antes tinham estado os escritórios da alfândega, fez dois grandes quartos de dormir e cinco camarotes para os muitos filhos que pensava ter, e construiu uma varanda de madeira sobre as amendoeiras da praça, onde Plácida Linero se sentava nas tardes de Março a consolar-se da sua solidão. Na fachada conservou a porta principal e abriu duas janelas de corpo inteiro com grade de bilros. Conservou também a porta traseira, só que um pouco mais alteada para poder entrar e sair a cavalo, e manteve em serviço uma parte do antigo molhe. Essa foi sempre a porta de maior uso, não só porque era o acesso natural às manjedouras e à cozinha, mas porque dava para a rua do porto novo sem se passar pela praça. A porta da frente, salvo em ocasiões festivas, permanecia fechada e com tranca. No entanto, era ali, e não na porta de trás, que esperavam Santiago Nasar os homens que iam matá-lo, e foi por ali que ele saiu a receber o bispo, apesar de ter que dar uma volta completa à casa para chegar ao porto.

Ninguém podia compreender tantas coincidências funestas. O juiz instrutor, que veio de Riohacha, deve tê-las sentido sem se atrever a admiti-las, pois o seu interesse em arranjar para elas uma explicação racional era evidente nos autos. A porta da praça era citada várias vezes com um nome de folhetim: A porta fatal.

Realmente, a única explicação válida parecia ser a de Plácida Linero, que respondeu à pergunta com a sua razão de mãe: "O meu filho nunca saía pela porta de trás quando estava bem vestido." Parecia uma verdade tão fácil, que o juiz instrutor a registou numa nota à margem, mas sem assentá-la nos autos.

Victoria Guzmán, por seu turno, foi terminante ao responder que nem ela nem a filha sabiam que alguém estivesse à espera de Santiago Nasar para matá-lo. Mas com o correr dos anos admitiu que as duas sabiam disso, quando ele entrou na cozinha para tomar o café. Fora-lhes dito por uma mulher que passou depois das cinco a pedir um quartilho de leite por esmola, e que lhes revelou, além disso, os motivos e o lugar onde estavam à espera dele. "Não o avisei porque pensei que era palavreado de bêbado", disse-me. Divina Flor, porém, confessou-me numa visita posterior, quando a mãe já falecera, que esta não tinha dito nada a Santiago Nasar porque no fundo da alma queria que o matassem. Já ela, Divina Flor, não o avisou porque não passava então de uma rapariguinha assustada, incapaz de uma decisão própria, e assustara-se ainda mais quando ele a agarrou pelo pulso com uma mão que sentiu gelada e pétrea, como uma mão de morto.

Santiago Nasar atravessou a passos largos a casa às escuras, perseguido pelos bramidos de júbilo do barco do bispo. Divina Flor foi à frente dele abrir a porta, tentando não se deixar alcançar por entre as gaiolas de pássaros adormecidos na sala de jantar, por entre os móveis de vime e os vasos de fetos suspensos da sala, mas quando tirou a tranca da porta não pôde evitar outra vez a mão do gavião carniceiro. "Apalpou-me a barbuda toda", disse-me Divina Flor. "Fazia sempre isso quando me encontrava sozinha pelos cantos da casa, só que naquele dia não senti o susto de sempre, mas uma vontade horrível de chorar." Afastou-se para deixá-lo sair, e pela porta entreaberta viu as amendoeiras da praça, nevadas pelo resplendor do amanhecer, mas não teve coragem para ver mais nada. "Nesse momento calou-se o apito do barco e começaram a cantar os galos", disse-me. "Era um barulho tão grande, que a gente fazia lá ideia de haver tantos galos na vila, e eu pensei que eles vinham no barco do bispo." O mais que ela pôde fazer por um homem que nunca haveria de ser seu foi deixar a porta sem tranca, contra as ordens de Plácida Linero, para ele poder entrar outra vez em caso de urgência. Alguém que nunca foi identificado tinha metido por baixo da porta um papel dentro de um sobrescrito, no qual Santiago Nasar era avisado de que estavam à sua espera para matá-lo, e lhe revelavam além disso o lugar e os motivos, e outros pormenores bastante precisos de confabulação. A mensagem estava caída no chão quando Santiago Nasar saiu de casa, mas ele não a viu, nem a viu Divina Flor, nem a viu ninguém até muito depois de o crime ser consumado.

Tinham dado as seis e continuavam acesas as luzes dos candeeiros. Nos ramos das amendoeiras, e em algumas varandas, viam-se ainda as grinaldas de cores do casamento, e podia pensar-se que acabavam de armá-las em honra do bispo. Mas a praça coberta de lajes até ao adro da igreja, onde estava o palanque dos músicos, parecia uma esterqueira de garrafas vazias e toda a espécie de lixo da festa pública.

Quando Santiago Nasar saiu de casa, várias pessoas corriam para o porto, açodadas pelos bramidos do barco.

O único local aberto na praça era uma leitaria a um lado da igreja, onde estavam os dois homens que esperavam Santiago Nasar para matá-lo. Clotilde Armenta, dona do estabelecimento, foi quem primeiro o viu no resplendor da madrugada, e teve a impressão de que ele estava vestido de alumínio. "Já parecia um fantasma", disse-me. Os homens que iam matá-lo tinham adormecido nas cadeiras, apertando no regaço as facas embrulhadas em papel de jornal, e Clotilde Armenta susteve a respiração para não os acordar.

Eram gémeos: Pedro e Pablo Vicario. Tinham vinte e quatro anos, e pareciam-se tanto que custava trabalho distinguir um do outro. "Tinham má catadura, mas eram de boa índole", diziam os autos. Eu, que os conhecia desde a escola primária, teria escrito a mesma coisa. Nessa manhã continuavam vestidos com os fatos escuros do casamento, demasiado grossos e formais para as Caraíbas, e tinham o rosto devastado por tantas horas de estúrdia, mas haviam cumprido o dever de se barbearem. Embora não tivessem parado de beber desde a véspera da festa, já não estavam bêbados ao fim de três dias, parecendo antes sonâmbulos tirados do sono. Tinham adormecido com as primeiras auras do amanhecer, depois de quase três horas de espera no estabelecimento de Clotilde Armenta, e aquele era o seu primeiro sono desde sexta-feira. Quase não tinham acordado com o primeiro bramido do barco, mas o instinto acordou-os de vez quando Santiago Nasar saiu de casa. Então agarraram ambos no rolo de jornais, e Pedro Vicario começou a levantar-se.

— Pelo amor de Deus — murmurou Clotilde Armenta. — Deixem isso para depois, mesmo que seja só por respeito ao senhor bispo.

"Foi inspiração do Espírito Santo", repetia ela amiúde. Tinha sido realmente uma ocorrência providencial, mas de virtude momentânea. Ao ouvirem-na, os gémeos Vicario puseram-se a pensar, e o que se tinha levantado sentou-se outra vez. Ambos seguiram Santiago Nasar com os olhos quando este começou a cruzar a praça. "Olhavam-no com mais pena do que outra coisa", dizia Clotilde Armenta. As meninas da escola de freiras atravessaram a praça nesse instante, trotando em desordem com os seus uniformes de órfãs.

Plácida Linero tinha razão: o bispo não desceu do barco. Havia muita gente no porto, além das autoridades e dos meninos das escolas, e por todo o lado viam-se as cestas com galos bem cevados que levavam de presente ao bispo, porque a canja de cristas era o seu prato preferido. No cais de carga havia tanta lenha empilhada que o barco teria precisado, pelo menos, de duas horas para carregá-la. Mas não parou. Apareceu na volta do rio, resfolegando como um dragão, e nesse momento a banda começou a tocar o hino do bispo, e os galos desataram a cantar nas cestas e alvoroçaram os outros galos da vila.

Por aquela época, os lendários barcos de roda, alimentados a lenha, estavam

praticamente a acabar, e os poucos que ainda andavam ao serviço já não tinham pianola nem camarotes para a lua-de-mel, e viam-se aflitos para navegar contra a corrente. Mas este era novo, e tinha duas chaminés em vez de uma, com a bandeira pintada como um braçal, e a roda de pranchas da popa dava-lhe um ímpeto de barco de mar. Na cobertura de cima, junto ao camarote do capitão, ia o bispo de sotaina branca com o seu séquito de espanhóis. "Fazia um tempo de Natal", disse minha irmã Margot. O que aconteceu, segundo ela, foi que o apito do barco desprende um jacto de vapor à pressão, ao passar em frente do porto, e deixou ensopados os que estavam mais perto da margem. Foi uma ilusão fugaz: o bispo começou a fazer o sinal da cruz no ar em frente da multidão do molhe, e depois continuou a fazê-lo de memória, sem malícia nem inspiração, até que o barco se perdeu de vista e só ficou o barulho dos galos.

Santiago Nasar tinha motivos para sentir-se defraudado. Contribuíra com vários carregos de lenha às solicitações públicas do padre Carmen Amador, além de que escolhera pessoalmente os galos de cristas mais apetitosas. Mas foi uma contrariedade momentânea. Minha irmã Margot, que estava com ele no cais, achou-o de muito bom humor e com ânimos de continuar a festa, apesar de as aspirinas não lhe terem dado qualquer alívio. "Não parecia constipado, e só pensava no que tinha custado o casamento", disse-me. Cristo Bedoya, que estava com eles, revelou números que aumentaram ainda mais o assombro. Tinha andado na paródia com Santiago Nasar e comigo até pouco antes das quatro, mas não tinha ido dormir a casa dos pais, ficando à conversa em casa dos avós. Coligi ali uma série de dados que lhe faltavam para calcular os custos da festa. Contou que tinham sido abatidos quarenta perus e onze patos para os convidados, e quatro vitelas que o noivo pôs a assar para o povo na praça. Contou que se consumiram duzentas e cinco caixas de bebidas de contrabando e quase duas mil garrafas de rum de cana, que foram repartidas entre a multidão. Não houve uma única pessoa, rica ou pobre, que não tivesse de alguma forma participado na festa de maior espavento que jamais se vira na terra. Santiago Nasar sonhou em voz alta.

— Há-de ser assim o meu casamento — disse.

Não lhes chegará a vida para contarem como foi.

Minha irmã sentiu passar um anjo. Pensou uma vez mais na boa sorte de Flora Miguel, que já tinha tantas coisas na vida, e ainda ia ter Santiago Nasar no Natal desse ano. "De súbito reparei que não podia haver melhor partido do que ele", disse-me. "Vê tu bem: bonito, sério, e com fortuna pessoal aos vinte e um anos." Ela costumava convidá-lo a tomar o pequeno-almoço em nossa casa quando havia fritos de mandioca, e minha mãe estava a fazê-los nessa manhã. Santiago Nasar aceitou entusiasmado.

— Mudo de roupa e vou ter contigo — disse, e descobriu então que se esquecera do relógio na mesinha-de-cabeceira. — Que horas são?

Eram 6 e 25. Santiago Nasar agarrou Cristo Bedoya por um braço e levou-o em

direcção à praça. — Daqui a um quarto de hora estou em tua casa — disse para minha irmã.

Ela insistiu para irem logo juntos, porque o pequeno-almoço estava pronto. "Era uma insistência estranha", disse-me Cristo Bedoya. "Tanto que eu às vezes tenho pensado que Margot já sabia que iam matá-lo e queria escondê-lo em tua casa." Santiago Nasar, porém, convenceu-a a ir à frente enquanto ele vestia o fato de montar, pois tinha que estar cedo no "Divino Rosto" para capar bezerros. Despediu-se dela com o mesmo gesto de mão com que se despedira da mãe, e afastou-se em direcção à praça, levando Cristo Bedoya pelo braço. Foi a última vez que o viu.

Muitas das pessoas que estavam no porto sabiam que Santiago Nasar ia ser morto. D. Lázaro Aponte, coronel de carreira no gozo da reforma e presidente da Câmara há onze anos, acenou-lhe com os dedos. "Eu tinha sólidas razões para crer que ele já não corria qualquer perigo", disse-me. O padre Carmen Amador também não se preocupou. "Quando o vi são e salvo pensei que tinha sido tudo uma patranha", disse-me. Ninguém se perguntou sequer se Santiago Nasar estava avisado, porque a toda a gente pareceu impossível que não estivesse.

Realmente, minha irmã Margot era das poucas pessoas que ainda ignoravam que iam matá-lo. "Tivesse-o eu sabido e levava-o para casa, amarrado e tudo", declarou ela ao juiz instrutor. Era estranho que não soubesse, mas era muito mais estranho que tão pouco o soubesse minha mãe, pois dava fé de tudo antes que qualquer outra pessoa da casa, apesar de há anos não sair à rua, nem sequer para ir à missa. Eu apreciava essa sua virtude desde que comecei a levantar-me cedo para ir para a escola. Encontrava-a como era naquele tempo, lívida e secreta, varrendo o quintal com uma vassoura de ramos no resplendor cinzento do amanhecer, e entre dois goles de café ia-me contando o que acontecera no mundo enquanto nós dormíamos. Parecia ter fios de comunicação secreta com a outra gente da vila, sobretudo com as pessoas da sua idade, e às vezes surpreendia-nos com notícias antecipadas que não podia ter conhecido senão por artes de adivinhação. Naquela manhã, porém, não senti o palpitar da tragédia que estava a gerar-se desde as três da madrugada. Acabara de varrer o quintal, e quando minha irmã Margot saiu para receber o bispo encontrou-a a moer a mandioca para os fritos. "Ouviam-se galos", costuma dizer minha mãe, lembrando aquele dia. Mas nunca relacionou o barulho distante com a chegada do bispo: para ela ainda eram os últimos restos do casamento.

A nossa casa ficava longe da praça grande, num mangueiral em frente do rio. Minha irmã Margot tinha ido até ao porto, caminhando pela margem, e as pessoas estavam demasiado excitadas para se ocuparem com outras novidades. Tinham posto os doentes estendidos nos portais para receberem o remédio de Deus, e as mulheres saíam a correr dos pátios com perus e leitões e toda a espécie de coisas de comer, e do outro lado do rio chegavam canoas enfeitadas com flores. Mas depois de o bispo passar sem deixar a marca do seu pé na terra, a outra notícia reprimida atingiu proporções de escândalo. Foi então que minha irmã Margot a conheceu

completa e de forma brutal: Angela Vicario, a bela rapariga que se tinha casado no dia anterior, fora devolvida a casa dos pais, porque o marido tinha descoberto que ela não era virgem. "Senti que eu é que ia morrer", disse-me minha irmã. "Mas por mais voltas que desse à história, ninguém sabia explicar-me como foi que o pobre Santiago Nasar acabou comprometido em semelhante enredo." A única coisa que sabiam com certeza era que os irmãos de Angela Vicario estavam à espera dele para matá-lo.

Minha irmã voltou a casa remordendo-se por dentro para não chorar. Encontrou minha mãe na sala de jantar, com um vestido domingueiro de flores azuis que vestia na suposição de o bispo passar a cumprimentar-nos, e estava a cantar o fado do amor invisível enquanto punha a mesa. Minha irmã reparou que havia mais um lugar do que o costume.

— É para Santiago Nasar — disse-lhe minha mãe. — Disseram-me que o tinhas convidado para tomar o pequeno-almoço.

— Tira esse talher — disse minha irmã.

Então contou-lhe. "Mas foi como se já soubesse", disse-me. "Foi a mesma cena de sempre, uma pessoa começa a contar-lhe uma coisa e antes de chegar a metade da história já ela sabe como termina." Aquela má notícia era um nó cifrado para minha mãe. Tinham posto a Santiago Nasar esse nome por causa do nome dela, e além disso era sua madrinha de baptizado, mas também tinha um parentesco de sangue com Pura Vicario, mãe da noiva devolvida. No entanto, ainda não acabara de ouvir a notícia e já calçava os sapatos de salto e punha pelos ombros a mantilha da igreja que só usava nesse tempo para as visitas de pêsames. Meu pai, que ouvira tudo isto deitado na cama, apareceu em pijama na sala de jantar e perguntou-lhe alarmado aonde ia.

— Prevenir a minha comadre Plácida — respondeu ela. — Não é justo que toda a gente saiba que vão matar-lhe o filho, e que ela seja a única a não saber.

— Somos tão parentes dela como somos dos Vicario — disse meu pai.

— Deve-se estar sempre do lado do morto — disse ela.

Os meus irmãos mais novos começaram a sair dos outros quartos. Os mais pequenos, tocados pelo sopro da tragédia, largaram-se a chorar. Minha mãe não fez caso deles, por uma vez na vida, nem prestou atenção ao marido.

— Espera aí, vou-me vestir — disse-lhe ele.

Ela já estava na rua. Meu irmão Jaime, que nessa época não tinha mais que uns sete anos, era o único que estava vestido para a escola.

— Vai tu com tua mãe — ordenou meu pai.

Jaime correu atrás dela sem saber o que se estava a passar nem para onde iam, e agarrou-se-lhe à mão. "Ia a falar sozinha", disse-me Jaime. "Homens de má lei, dizia a mãe muito baixinho, animais de merda que não são capazes de fazer mais nada

senão desgraças." Nem reparava que levava o menino pela mão. "Devem ter pensado que eu enlouquecera", disse-me. "Só me lembro de uma coisa, que era que se ouvia ao longe um barulho de muita gente junta, como se a festa do casamento tivesse voltado a começar, e que toda a gente corria em direcção à praça." Estugou o passo, com a determinação de que era capaz quando havia uma vida pelo meio, até que alguém que corria em sentido contrário se compadeceu do seu desvario.

— Não se atormente, Luísa Santiaga — gritou-lhe ao passar por ela. -já o mataram.

BAYARDO SAN ROMÁN, O HOMEM QUE devolveu a esposa, tinha vindo pela primeira vez à vila em Agosto do ano anterior: seis meses antes do casamento. Chegou no barco semanal com uns alforjes guarnecidos de prata a dar com as fivelas da correia e as argolas das botinas. Andava pelos trinta anos, mas muito bem disfarçados, pois tinha cintura fina de novilheiro, os olhos dourados, e a pele curtida a fogo lento pelo salitre. Chegou com uma jaqueta curta e umas calças apertadas, ambas de vitela natural, e umas luvas em pele de cabrito da mesma cor. Magdalena Oliver tinha vindo com ele no barco e não conseguiu tirar-lhe os olhos de cima durante a viagem. "Parecia maricas", disse-me. "E era uma pena, porque estava de se barrar com manteiga e comer-se vivo." Não foi a única pessoa que assim pensou, nem muito menos a última a dar-se conta de que Bayardo San Román não era um homem para se conhecer à primeira vista.

Minha mãe escreveu-me para o colégio em fins de Agosto e dizia-me numa nota fortuita: "Chegou um homem bastante estranho." Na carta seguinte dizia-me: "O homem estranho chama-se Bayardo San Román, e toda a gente diz que é encantador, mas eu ainda o não vi." Ninguém nunca soube o que viera ele fazer. A alguém que não resistiu à tentação de perguntar-lho, pouco antes do casamento, respondeu: "Andava de terra em terra procurando com quem casar." Podia ter sido verdade, mas podia à mesma responder qualquer outra coisa, pois tinha uma maneira de falar que lhe servia mais para ocultar do que para dizer.

Na noite em que chegou deu a entender no cinema que era engenheiro dos caminhos-de-ferro, e falou da urgência de construir uma linha até ao interior para nos anteciparmos às veleidades do rio. No dia seguinte teve de mandar um telegrama, e foi ele próprio que o transmitiu com a chave, ensinando além disso ao telegrafista uma fórmula sua para continuar a usar as pilhas gastas. Com a mesma propriedade tinha falado de doenças fronteiriças com um médico militar que passou por aqueles meses, fazendo as inspecções. Gostava das festas ruidosas e demoradas, mas tinha bom vinho, e era apartador de discussões e inimigo dos jogos de mãos. Um domingo, depois da missa, desafiou os nadadores mais destros, que eram bastantes, e deixou os melhores para trás com vinte braçadas à ida e outras tantas à volta através do rio. Minha mãe contou-mo numa carta, e no fim fazia um comentário muito seu: "Parece que também nada em ouro." Isto respondia à lenda prematura de que Bayardo San Román não só era capaz de fazer tudo, e fazê-lo optimamente, mas, por outro lado, dispunha ainda de recursos inesgotáveis.

Minha mãe deu-lhe a bênção final numa carta de Outubro. "As pessoas gostam muito dele" dizia-me, "porque é honesto e tem bom coração, e no domingo passado comungou de joelhos e ajudou à missa em latim." Nesse tempo não era permitido

comungar de pé e só se oficiava em latim, mas minha mãe costuma fazer este tipo de precisões supérfluas, quando quer chegar ao fundo das coisas. No entanto, depois do veredicto consagratório, escreveu-me mais duas cartas em que nada me dizia sobre Bayardo San Román, nem sequer quando foi mais que sabido que ele queria casar com Angela Vicario. Só muito depois do desgraçado casamento é que me confessou que o tinha conhecido quando era já demasiado tarde para corrigir a carta de Outubro, e que os seus olhos de ouro lhe haviam produzido um arrepio de espanto.

— Parecia o diabo — disse-me —, mas tu próprio me tinhas dito que estas coisas não se devem dizer por escrito.

Conheci-o pouco depois dela, quando vim passar as férias do Natal, e não o achei tão estranho como diziam. Pareceu-me atraente, de facto, mas muito longe da visão idílica de Magdalena Oliver. Pareceu-me mais sério do que davam a entender as suas tropelias, e de uma tensão recôndita mal dissimulada pelos seus dotes excessivos. Mas, sobretudo, pareceu-me um homem muito triste. Já por essa altura ele tinha formalizado o seu compromisso de amor com Angela Vicario.

Nunca se apurou ao certo como foi que eles se conheceram. A dona da pensão para cavalheiros onde vivia Bayardo San Román contava que ele estava a dormir a sesta numa cadeira de baloiço da sala, em fins de Setembro, quando Angela Vicario e a mãe atravessaram a praça com dois cestos de flores artificiais. Bayardo San Román entreabriu os olhos, viu as duas mulheres vestidas de negro inclemente que pareciam os dois únicos seres vivos na modorra da tarde, e perguntou quem era a rapariga. A dona da pensão respondeu-lhe que era a filha mais nova da mulher que a acompanhava, e que se chamava Angela Vicario. Bayardo San Román seguiu-as com o olhar até ao outro lado da praça.

— Tem um nome bem achado — disse.

Depois recostou a cabeça no espaldar da cadeira, e voltou a fechar os olhos.

— Quando eu acordar — disse —, lembre-me que vou casar com ela.

Angela Vicario contou-me que a dona da pensão lhe tinha falado deste episódio antes mesmo de Bayardo San Román a requestar. "Apanhei cá um susto", disse-me. Três pessoas que estavam na pensão confirmaram que o episódio tinha acontecido, mas outras quatro puseram dúvidas. Em compensação, todas as versões coincidiam em que Angela Vicario e Bayardo San Román se tinham visto pela primeira vez nas festas patrióticas de Outubro, durante uma verbena de beneficência em que ela tinha por encargo cantar os números das rifas. Bayardo San Román chegou à verbena e foi direito ao balcão atendido pela rifadora lânguida vestida até aos punhos de luto cerrado, e perguntou-lhe quanto custava o gramofone com incrustações de madrepérola que havia de ser o atractivo maior da feira. Ela respondeu que o gramofone não estava à venda, já que era para rifar.

— Tanto melhor — disse ele —, assim será mais fácil, e além disso mais barato.

Ela confessou-me que tinha conseguido impressioná-la, mas por motivos contrários ao amor. "Eu detestava os homens orgulhosos, e nunca vira nenhum com tanta presunção", disse-me rememorando aquele dia. "Por outro lado pensei que era um polaco." A sua antipatia foi maior quando cantou a rifa do gramofone, no meio da geral ansiedade, e realmente ganhou-a Bayardo San Román. Não podia imaginar que ele, só para impressioná-la, tinha comprado todos os números da rifa. Nessa noite, quando voltou para casa, Angela Vicario encontrou lá o gramofone embrulhado em papel de presente e enfeitado com um laço de organza. "Nunca consegui saber como é que ele soube que era o meu dia de anos", disse-me. Custou-lhe bom trabalho convencer os pais de que não dera o mínimo motivo a Bayardo San Román para este lhe mandar tal presente, e menos ainda de forma tão visível que não passou despercebida a ninguém. De maneira que os irmãos mais velhos, Pedro e Pablo, levaram o gramofone ao hotel para o devolverem ao seu dono, e fizeram-no com tanta bulha que não houve ninguém que o tivesse visto vir e não o visse regressar. O único pormenor com que não contou a família foi com os encantos irresistíveis de Bayardo San Román. Os gémeos não reapareceram até à madrugada do dia seguinte, turvos de bebedeira, trazendo outra vez o gramofone e trazendo também Bayardo San Román para continuarem a paródia em casa.

Angela Vicario era a filha mais nova de uma família de poucos recursos. O pai, Poncio Vicario, era ourives de pobres, e a vista acabara-se-lhe de tanto fazer primores de ouro para manter a honra da casa. Purísima del Carmen, a mãe, tinha sido professora primária antes de casar para sempre. O seu aspecto manso e um tanto aflito dissimulava bastante bem o rigor do carácter. "Parecia uma freira", lembra Mercedes. Dedicou-se com tal espírito de sacrifício a atender o marido e a criar os filhos, que às vezes nos esquecíamos de que ela continuava a existir. As duas filhas mais velhas tinham casado muito tarde. Além dos gémeos, tiveram uma outra filha, logo a seguir às duas mais velhas, que morreu de febres crepusculares, e dois anos depois ainda por ela guardavam luto aliviado dentro de casa, mas rigoroso na rua. Os irmãos foram criados para serem homens. Elas tinham sido criadas para casar. Sabiam bordar com bastidor, coser à máquina, fazer renda de bilros, lavar e engomar, fazer flores artificiais e doces de fantasia, e redigir participações. Diferentemente das raparigas da época, que tinham descuidado o culto da morte, as quatro eram mestras da ciência antiga de velar os doentes, confortar os moribundos e amortilhar os mortos. Minha mãe só lhes censurava o costume de se pentearem antes de irem para a cama. "Meninas" dizia-lhes: "não penteiem o cabelo à noite que se atrasam os navegantes." Tirando isso, pensava que não havia filhas mais bem educadas. "São perfeitas", ouvia-lhe dizer com frequência. "Qualquer homem será feliz com elas, porque foram criadas para sofrer." No entanto, aos que se casaram com as duas mais velhas foi difícil romperem o cerco, porque iam sempre juntas para todo o lado, e organizavam bailes só para mulheres e estavam predispostas a encontrar segundas intenções nos desígnios dos homens.

Angela Vicario era a mais bonita das quatro, e minha mãe dizia que nascera

como as grandes rainhas da história, com o cordão umbilical enrolado à volta do pescoço. Mas tinha um ar desamparado e uma pobreza de espírito que lhe auguravam um futuro incerto. Eu voltava a vê-la ano após ano, durante as minhas férias do Natal, e cada vez parecia mais desvalida à janela de casa, onde se sentava pela tardinha a fazer flores de pano e a cantar valsas de solteiras com as vizinhas. "Está boa para pendurar no arame", dizia-me Santiago Nasar: "a parva da tua prima." De súbito, pouco antes do luto da irmã, encontrei-a na rua pela primeira vez, vestida de mulher e com o cabelo frisado, e quase não pude crer que fosse a mesma. Mas foi uma visão momentânea: a sua penúria de espírito agravava-se com os anos. Tanto que, quando se soube que Bayardo San Román queria casar com ela, muita gente pensou que era uma perfídia de forasteiro.

A família não apenas levou a coisa a sério, mas com grande alvoroço. Com excepção de Pura Vicario, a qual pôs como condição que Bayardo San Román abonasse a sua identidade. Até então ninguém sabia quem era. O seu passado não ia além da tarde em que desembarcou com o seu traje de artista, e era tão reservado sobre as suas origens que a mais louca das hipóteses podia ser verdade. Chegou a dizer-se que tinha arrasado povoações e semeado o terror em Casanare como comandante da tropa, que era foragido de Caiena, que fora visto em Pernambuco, tentando ganhar a vida com uma parilha de ursos amestrados, e que recuperara os restos de um galeão espanhol carregado de ouro no canal dos Ventos. Bayardo San Román pôs termo a tantas conjecturas com um recurso bem simples: trouxe a família toda até à vila.

Eram quatro: o pai, a mãe e duas irmãs perturbantes. Chegaram num Ford T com matrícula oficial, cuja buzina de pato alvoroçou as ruas às onze da manhã. A mãe, Alberta Simonds, uma alentada mulata de Curaçau que falava o castelhano ainda cruzado de papiamento, fora proclamada na sua juventude como a mais bela de entre as duzentas mais belas das Antilhas. As irmãs, acabadas de florir, pareciam duas poldras sem sossego. Mas a carta grande era o pai: o general Petronio San Román, herói das guerras civis do século anterior, e uma das maiores glórias do regime conservador por ter posto em fuga o coronel Aureliano Buendía no desastre de Tucurinca. Minha mãe foi a única pessoa que não foi cumprimentá-lo quando soube quem ele era. "Parecia-me muito bem que se casassem", disse-me. "Mas uma coisa era isso, e outra muito diferente estender a mão a um homem que mandou disparar pelas costas sobre Gerineldo Márquez." Desde que assomou à janela do automóvel, saudando com o chapéu branco, todos o reconheceram pela fama dos seus retratos. Vestia um fato de linho cor de trigo, tinha botinas de cordovão com os atacadores cruzados, e umas lunetas de ouro presas com pinças à cana do nariz e atadas com uma corrente à botoeira do casaco. Usava a medalha de valor militar na lapela e uma bengala com o escudo nacional esculpido no castão. Foi ele que desceu primeiro do automóvel, coberto de alto a baixo pelo pó ardente dos nossos maus caminhos, e bastou aparecer no estribo para toda a gente se dar conta de que Bayardo San Román ia casar com quem quisesse.

Era Angela Vicario que não queria casar com ele. "Parecia-me demasiado homem para mim", disse-me. Além de que Bayardo San Román não tentara seduzi-la, antes enfeitando a família com os seus encantos. Angela Vicario jamais esqueceu o horror da noite em que os pais e as irmãs mais velhas com os respectivos maridos, reunidos na saleta da casa, lhe impuseram a obrigação de casar com um homem que praticamente ainda não vira. Os gémeos mantiveram-se à margem. "Pareceu-nos coisas de mulheres", disse-me Pablo Vicario. O argumento decisivo dos pais foi que uma família dignificada pela modéstia não tinha o direito de desprezar aquele prémio do destino. Angela Vicario atreveu-se a insinuar o inconveniente da falta de amor, mas a mãe varreu-o com uma simples frase:

— Também o amor se aprende.

Ao contrário dos noivados da época, que eram longos e vigiados, o deles foi só de quatro meses, dada a urgência de Bayardo San Román. E não foi mais curto porque Pura Vicario exigiu esperar que acabasse o luto da família. Mas o tempo passou sem angústia, pela forma irresistível com que Bayardo San Román arranjava as coisas. "Uma noite perguntou qual era a casa que eu mais gostava", contou-me Angela Vicario. "Respondi, sem saber para o que era, que a mais bonita da vila era a quinta do viúvo Xius." Eu teria dito o mesmo. Estava numa colina varrida pelos ventos, e do terraço via-se o paraíso sem limite dos pantanais cobertos de anémonas roxas, e nos dias claros de Verão chegava a ver-se o horizonte nítido das Caraíbas, e os paquetes de turistas de Cartagena de Índias. Bayardo San Román foi nessa mesma noite ao Clube Social e sentou-se à mesa do viúvo Xius a jogar uma partida de dominó.

— Compro a sua casa — disse-lhe.

— Não está à venda — disse o viúvo.

- Compro-a com todo o recheio.

O viúvo explicou, com uma boa educação à antiga, que os objectos da casa tinham sido comprados pela esposa ao longo de toda uma vida de sacrifícios, e que para si continuavam a ser como que uma parte dela. "Falava com o coração nas mãos", disse-me o dr. Dionísio Iguarán, que estava a jogar com eles. "Eu tinha a certeza que o viúvo preferiria morrer a vender uma casa onde fora feliz durante mais de trinta anos." Também Bayardo San Román compreendeu as suas razões.

— Sim senhor — disse. — Venda-me então a casa vazia.

Mas o viúvo defendeu-se até ao fim da partida. Ao cabo de três noites, já mais bem preparado, Bayardo San Román voltou à mesa de dominó.

— Ora então vamos lá a ver — recomeçou ele. — Quanto custa a casa?

— Não tem preço.

— Diga um preço qualquer.

— Bayardo, tu desculparás — disse o viúvo — mas vocês, gente nova, não

compreendem as razões do coração.

Bayardo San Román nem parou para pensar. — Digamos cinco mil pesos — disse.

— Joga limpo — replicou o viúvo com a dignidade alerta. — Essa casa não vale tanto.

— Dez mil — disse Bayardo San Román. — Agora mesmo, e com uma nota em cima da outra.

O viúvo olhou-o com os olhos cheios de lágrimas. "Chorava de raiva", disse-me o dr. Dionísio Iguarán que, além de médico, era homem de letras. "Fazes uma pequena ideia? Aquele dinheiro todo à mão de semear, e ter que dizer que não por uma simples fraqueza de espírito." O viúvo Xius não articulou palavra, mas negou sem vacilar com a cabeça.

— Faça-me então um último favor — disse Bayardo San Román. — Espere-me aqui cinco minutos.

Cinco minutos depois, de facto, voltou ao Clube Social com os alforjes chapeados de prata, e colocou sobre a mesa dez maços de notas de mil ainda com as cintas impressas do Banco do Estado. O viúvo Xius morreu daí a dois meses. "Morreu disso", dizia o dr. Dionísio Iguarán. "Tinha mais saúde do que qualquer de nós, mas quando a gente o auscultava sentia borbotar as lágrimas dentro do coração." Porque não só vendera a casa com todo o recheio, como pediu a Bayardo San Román que lhe fosse pagando aos poucos, pois não lhe restava nem um baú de consolação para guardar tanto dinheiro.

Ninguém teria pensado, nem ninguém o disse, que Angela Vicario não era virgem. Não se lhe conhecera nenhum noivo anterior e tinha crescido junto com as irmãs debaixo do rigor de uma mãe de ferro. A menos de dois meses do casamento, Pura Vicario não autorizou que ela fosse sozinha com Bayardo San Román conhecer a casa em que iam viver: ela e o pai cego acompanharam-na para lhe custodiarem a honra. "Eu só rogava a Deus que me desse coragem para me matar", disse-me Angela Vicario. "Mas não ma deu." Tão aturdida estava que tinha resolvido contar a verdade à mãe para se livrar daquele martírio, quando as suas duas únicas confidentes, que a ajudavam a fazer flores de pano ao pé da janela, a dissuadiram da sua boa intenção. "Obedeci-lhes cegamente", disse-me "porque me tinham dado a entender que eram peritas em manigâncias de homens." Asseguraram-lhe que quase todas as mulheres perdiam a virgindade em acidentes de infância. Insistiram em que mesmo os maridos mais difíceis se resignavam a qualquer coisa, contanto que ninguém soubesse. Convenceram-na, enfim, de que os homens chegavam quase todos tão assustados à noite do casamento, que eram incapazes de fazer o que quer que fosse sem a ajuda da mulher, e na hora da verdade não conseguiam responder pelos seus próprios actos. "A única coisa em que acreditam é no que vêem no lençol", disseram-lhe. De maneira que lhe ensinaram embustes de comadre para fingir as suas prendas perdidas, e para poder exhibir na primeira

manhã de recém-casada, estendido ao Sol no quintal de casa, o lençol de linho com a mancha da honra.

Casou-se com essa ilusão. Bayardo San Román, pelo seu lado, deve ter casado com a ilusão de comprar a felicidade com o peso descomunal do seu poder e da sua fortuna, pois quanto mais cresciam os planos da festa, mais ideias de delírio lhe ocorriam para torná-la maior. Pretendeu adiar o casamento por um dia quando foi anunciada a visita do bispo, para este os casar, mas Angela Vicario opôs-se. "A verdade", disse-me "é que eu não queria ser abençoada por um homem que só cortava as cristas para a canja e deitava para o lixo o resto do galo." No entanto, mesmo sem a bênção do bispo, a festa ganhou uma força peculiar tão difícil de refrear, que se escapou das mãos ao próprio Bayardo San Román e acabou por ser um acontecimento público.

O general Petronio San Román e a família vieram desta vez no barco de cerimónia do Congresso Nacional, que permaneceu atracado ao cais até ao fim da festa, e com eles vieram muitas gentes ilustres que, porém, passaram despercebidas no tumulto das caras novas. Trouxeram tantos presentes, que foi necessário restaurar o local esquecido do primeiro gerador para expor os mais dignos de admiração, sendo os restantes levados de uma vez para sempre para a antiga casa do viúvo Xius, que já estava preparada para receber os recém-casados. Ao noivo ofereceram um automóvel convertível com o seu nome gravado em letra gótica sob o escudo da fábrica. à noiva ofereceram um estojo com um faqueiro de ouro puro para vinte e quatro pessoas. Trouxeram além disso um espectáculo com bailarinos, e duas orquestras de valsas que desafinaram com as bandas locais, e com as muitas papayeras^{1} e conjuntos de acordeões atraídos pelo estrépito da festa.

A família Vicario vivia numa casa modesta, com paredes de adobe e um tecto de folhas de palma, rematado por duas trapeiras onde as andorinhas se metiam a chocar os ovos em Janeiro. Tinha na frente um terraço ocupado quase todo por vasos de flores, e um grande quintal com galinhas à solta e árvores de fruto. Ao fundo do quintal, os gémeos tinham uma criação de porcos, com a sua pedra da matança e a sua mesa de desmanchar, que fora uma boa fonte de recursos domésticos desde que Poncio Vicario ficou sem vista. O negócio tinha sido montado por Pedro Vicario, mas quando este foi fazer o serviço militar, o irmão gémeo aprendeu também o ofício de magarefe.

O interior da casa dava à justa para viverem. Por isso, as irmãs mais velhas trataram de pedir uma casa emprestada, quando se deram conta do tamanho da festa. "Imagina", disse-me Angela Vicario, "tinham pensado na casa de Plácida Linero, mas por sorte os meus pais teimaram com a história de sempre, que as filhas se casam no nosso chiqueiro, ou então não se casam." Foi assim que pintaram a casa da cor amarela original, endireitaram as portas e arranjaram o soalho, deixando-a tão digna como foi possível para um casamento de tanto aparato. Os gémeos levaram os porcos para outro lado e limparam a pocilga com cal viva,

mas mesmo assim viu-se que ia faltar espaço. Finalmente, por diligência de Bayardo San Román, deitaram abaixo a cerca do quintal, pediram emprestadas as casas contíguas para dançar e puseram bancos de carpinteiro para as pessoas se sentarem a comer debaixo da copa dos tamarindeiros.

O único sobressalto imprevisto causou-o o noivo na manhã do casamento, pois chegou para buscar Angela Vicarío com duas horas de atraso, e ela recusara-se a vestir o vestido de noiva enquanto o não visse em casa. "A verdade", disse-me, "é que teria ficado contente de ele não chegar, mas deixar-me vestida, isso nunca." A sua cautela pareceu natural, pois não havia percalço público mais vergonhoso para uma mulher do que ser enjeitada já vestida de noiva. Em compensação, o facto de Angela Vicario se atrever a pôr o véu e as flores de laranjeira sem ser virgem, havia de ser interpretado mais tarde como uma profanação dos símbolos da pureza. Minha mãe foi a única pessoa que apreciou como um acto de coragem que ela tivesse jogado as suas cartas viciadas até às últimas consequências. "Naquele tempo", explicou-me, "Deus entendia essas coisas." Pelo contrário, ninguém soube até hoje com que cartas jogou Bayardo San Román. Desde que surgiu, por fim, de sobrecasaca e chapéu alto, até que fugiu do baile com a criatura dos seus tormentos, foi a imagem perfeita do noivo feliz.

Também se não soube nunca com que cartas jogou Santiago Nasar. Eu estive com ele todo o tempo, na igreja e na festa, juntamente com Cristo Bedoya e meu irmão Luís Enrique, e nenhum de nós vislumbrou a menor alteração na sua maneira de ser. já tive que repetir isto muitas vezes, pois os quatro havíamos crescido juntos na escola e depois no mesmo grupo de férias, e ninguém podia crer que tivéssemos um segredo por partilhar, e ainda menos um segredo tão grande.

Santiago Nasar era um homem festeiro, e o seu maior gozo teve-o na véspera da morte, avaliando os custos do casamento. Na igreja calculou que tinham colocado ornamentações florais de valor igual ao de catorze enterros de primeira classe. Essa precisão haveria de perseguir-me durante muitos anos, pois Santiago Nasar dissera-me amiúde que o cheiro das flores em recinto fechado tinha para ele uma relação imediata com a morte, e naquele dia repetiu-mo ao entrar no templo. "Não quero flores no meu enterro", disse-me, sem imaginar que no dia seguinte eu haveria de ocupar-me de que não as houvesse. No trajecto entre a igreja e a casa dos Vicario fez a conta às grinaldas de cores com que tinham ornamentado as ruas, calculou o preço da música e do fogo, e inclusive das macheias de arroz com que fomos recebidos na festa. Na modorra do meio-dia, os recém-casados fizeram a ronda do quintal. Bayardo San Román tornara-se grande amigo nosso, amigo da pinga, como se dizia nesse tempo, e parecia bastante à-vontade na nossa mesa. Angela Vicario, sem o véu e a coroa e com o vestido de cetim, ensopado em suor, assumira de um momento para o outro o seu semblante de mulher casada. Santiago Nasar calculava, e disse-o a Bayardo San Román, que o casamento já ia por essa altura nuns nove mil pesos. Foi notório que ela tomou tal por uma impertinência. "Minha mãe tinha-me ensinado que nunca se deve falar em dinheiro diante das outras pessoas", disse-

me. Bayardo San Román, por sua vez, recebeu a observação com muito bom ar e até com uma certa jactância.

— Quase, quase — disse —, mas praticamente ainda não começámos. Lá para o fim há-de ser pouco mais ou menos o dobro.

Santiago Nasar propôs-se confirmar esta verba até ao derradeiro centavo, e a vida durou-lhe à justa para isso. De facto, com os dados finais que Cristo Bedoya lhe forneceu no dia seguinte no porto, quarenta e cinco minutos antes de morrer, confirmou que o prognóstico de Bayardo San Román tinha sido exacto.

Eu conservava uma lembrança bastante confusa da festa até decidir reconstituí-la pedaço a pedaço da memória alheia. Durante anos continuou a contar-se em nossa casa que meu pai voltara a tocar o violino da juventude em honra dos recém-casados, que minha irmã freira dançou um merengue^{2} com o seu hábito de rodeira, e que o dr. Dionísio Iguarán, que era primo-irmão de minha mãe, conseguiu que o levassem no barco oficial para não estar aqui no dia seguinte, quando chegasse o bispo. No decurso das indagações para esta crónica recuperei inúmeras violências marginais, entre elas a lembrança da graciosidade das irmãs de Bayardo San Román, cujos vestidos de veludo com grandes asas de borboleta, presas com pinças de ouro aos ombros, chamaram a atenção mais do que o penacho de plumas e a couraça de medalhas de guerra do pai. Muita gente sabia que na inconsciência daquela pândega toda propus a Mercedes Barcha que se casasse comigo, quando mal terminara a escola primária, tal como ela própria mo recordou quando nos casámos catorze anos depois. A imagem mais intensa que sempre conservei daquele domingo indesejável foi a do velho Poncio Vicario, sentado sozinho num tamborete no meio do quintal, Tinham-no posto ali pensando, talvez, que era o lugar de honra, e os convidados tropeçavam nele, confundiam-no com outro, mudavam-no de sítio para não estorvar, e ele abanava a cabeça nevada para todos os lados com uma expressão errática de cego demasiado recente, respondendo a perguntas que não eram para ele e devolvendo saudações fugazes que ninguém lhe fizera, feliz no seu cerco de esquecimento, com a camisa acartonada e a bengala de pau-santo que lhe tinham comprado para a festa.

O acto formal terminou às seis da tarde, quando os convidados de honra se despediram. O barco partiu com as luzes acesas e deixando atrás de si uma regueira de valsas de pianola, e por momentos ficámos à deriva sobre um abismo de incerteza, até que voltámos a reconhecer-nos uns aos outros e mergulhámos no mangueiral da festa. Os recém-casados surgiram pouco depois no descapotável, abrindo caminho a muito custo no tumulto. Bayardo San Román queimou foguetes, bebeu aguardente das garrafas que lhe estendia a multidão, e desceu do carro com Angela Vicario para entrarem na roda da cumbiamba^{3}. Por último, ordenou que continuássemos a dançar por sua conta enquanto tivéssemos vida e saúde, e levou a esposa aterrorizada para a casa dos seus sonhos, onde o viúvo Xius tinha sido feliz.

A pândega pública dispersou-se em fragmentos por volta da meia-noite, e só

ficou aberta a leitaria de Clotilde Armenta a um lado da praça. Santiago Nasar e eu, com meu irmão Luís Enrique e Cristo Bedoya, fomos para a casa de virtudes de Maria Alejandrina Cervantes. Por ali passaram entre muitos outros os irmãos Vicario, e estiveram a beber connosco e a cantar com Santiago Nasar cinco horas antes de o matarem. Devia sobrar ainda um ou outro rescaldo disperso da festa original, pois de todos os lados chegavam até nós lufadas de música e de discussões remotas, e continuaram a chegar, cada vez mais tristes, até muito pouco antes de se ouvir o bramido do barco do bispo.

Pura Vicario contou à minha mãe que se tinha deitado às onze da noite, depois de as filhas mais velhas a ajudarem a pôr um pouco de ordem nos estragos do casamento. Aí pelas dez, quando ainda havia alguns bêbados a cantar no quintal, Angela Vicario mandara buscar uma malinha com coisas suas que tinha no guarda-vestidos do quarto, e ela quis mandar-lhe também uma mala com roupa de uso diário, mas o moço que viera dar o recado estava com pressa. Tinha adormecido profundamente quando bateram à porta. "Foram três toques muito devagar", contou para minha mãe, "mas tinham essa coisa estranha das más notícias." Contou-lhe que abriu a porta sem acender a luz para não acordar ninguém, e viu Bayardo San Román à claridade do candeeiro da rua, com a camisa de seda por abotoar e as calças de fantasia seguras por suspensórios. "Tinha aquela cor verde dos sonhos", disse Pura Vicario a minha mãe. Angela Vicario estava na sombra, de maneira que só a viu quando Bayardo San Román a puxou por um braço e a trouxe para a luz. Tinha o vestido de cetim em farrapos e estava embrulhada numa toalha até à cintura. Pura Vicario pensou que tinham caído por uma ribanceira com o automóvel e estavam mortos no fundo do precipício.

— Ave Maria Puríssima — disse aterrada. — Respondam se ainda são deste mundo.

Bayardo San Román não entrou: empurrou suavemente a esposa para dentro de casa, sem dizer palavra. Depois beijou Pura Vicario na cara e falou-lhe com uma voz de profundo desalento, mas com imensa ternura.

— Obrigado por tudo, mãe — disse-lhe. — A senhora é uma santa.

Só Pura Vicario soube o que fez nas duas horas seguintes, e levou o seu segredo para a cova. "A única coisa que me lembro é que ela me segurava pelos cabelos com uma das mãos e me esmurrava com a outra com tanta raiva que pensei que me ia matar", contou-me Angela Vicario. Mas até mesmo isso ela fez com tanto sigilo que o marido e as filhas mais velhas, que dormiam nos outros quartos, não deram por nada até ao nascer do dia, quando já estava consumado o desastre.

Os gémeos voltaram para casa pouco antes das três, chamados de urgência pela mãe. Encontraram Angela Vicario estendida de cabeça para baixo num sofá da sala de jantar e com o rosto macerado dos socos, mas tinha parado de chorar. "já não estava assustada", disse-me. "Pelo contrário: sentia-me como se finalmente tivesse tirado de cima de mim o letargo da morte, e só queria que tudo acabasse

rapidamente para me deitar a dormir." Pedro Vicario, o mais resoluto dos irmãos, suspendeu-a pela cintura e sentou-a à mesa da sala de jantar.

— Vá, menina — disse-lhe tremendo de raiva — diz-nos lá quem foi.

Ela demorou tão-só o tempo necessário para dizer o nome. Procurou-o nas trevas, encontrou-o à primeira vista entre tantos e tantos nomes confundíveis deste mundo e do outro, e deixou-o espetado na parede com o seu dardo certo, como a uma borboleta sem vontade própria, cuja sentença estava escrita desde sempre.

— Santiago Nasar — disse.

O ADVOGADO SUSTENTOU A TESE DO homicídio em legítima defesa da honra, admitida pelo tribunal da consciência, e os gémeos declararam, no final do julgamento, que teriam voltado mil vezes a fazer quanto fizeram pelos mesmos motivos. Foram eles que vislumbraram o recurso da defesa, ao renderem-se diante da sua igreja, poucos minutos depois do crime. Irromperam ofegantes na Casa Paroquial, perseguidos de perto por um grupo de árabes irados, e pousaram as facas com o aço limpo na mesa do padre Amador. Estavam ambos exaustos pelo trabalho cruel da morte, e tinham a roupa e os braços alagados e a cara besuntada de suor e de sangue ainda vivo, mas o pároco recordava a rendição como um acto de grande dignidade.

— Matámo-lo em consciência — disse Pedro Vicario —, mas estamos inocentes.

— Diante de Deus talvez — disse o padre Amador.

— Diante de Deus e dos homens — disse Pablo Vicario. — Foi um caso de honra.

Mais ainda: na reconstituição dos factos fingiram um encarniçamento muito mais inclemente que o da realidade, até ao extremo de ter sido necessário reparar, por subscrição pública, a porta principal da casa de Plácida Linero, que ficou toda esburacada à ponta da faca. Na penitenciária de alta vigilância de Riohacha, onde estiveram três anos à espera do julgamento por não terem com que pagar a fiança para a liberdade condicional, os reclusos mais antigos recordavam-nos pelo seu bom feitio e pela sua sociabilidade, mas nunca descobriram neles o mínimo indício de arrependimento. No entanto, a realidade parecia ser que os irmãos Vicario não fizeram nada do que convinha para matar Santiago Nasar, rapidamente e sem espectáculo público, e em contrapartida fizeram muito mais do que poderia imaginar-se para alguém os impedir de matá-lo, e não o conseguiram.

Segundo me disseram anos depois, tinham começado por ir à sua procura a casa de Maria Alejandrina Cervantes, onde estiveram com ele até às duas. Este dado, como muitos outros, não foi registado nos autos. De facto, Santiago Nasar já ali não estava à hora em que os gémeos dizem ter ido procurá-lo, pois saíramos com a ideia de fazer uma rusga de serenatas, mas em todo o caso não era verdade que tivessem ido lá. "Nunca teriam saído daqui", disse-me Maria Alejandrina Cervantes, e conhecendo-a como eu a conheço, nunca a pus em dúvida. Mas, por outro lado, foram esperá-lo na casa de Clotilde Armenta, por onde sabiam que passaria meio mundo menos Santiago Nasar. "Era o único local aberto", declararam ao juiz instrutor. "Tarde ou cedo ele teria que passar por lá", disseram-me a mim, depois de serem absolvidos. Toda a gente sabia, porém, que a porta principal da casa de Plácida Linero estava geralmente trancada por dentro, mesmo durante o dia, e que Santiago Nasar trazia sempre com ele as chaves da entrada traseira. Realmente por

ali entrou de regresso a casa, quando há mais de uma hora que os gémeos Vicario o esperavam pelo outro lado, e se, mais tarde, saiu pela porta da praça, quando ia receber o bispo, foi por um motivo tão imprevisto que o próprio juiz instrutor não pôde entendê-lo.

Nunca houve uma morte mais anunciada. Depois de a irmã lhes revelar o nome, os gémeos Vicario passaram pela arrecadação da pocilga, onde guardavam as ferramentas da matança, e escolheram as duas melhores facas: uma de desmanchar, com dez polegadas de comprimento por duas e meia de largo, e outra de limpar, com sete de comprimento por uma e meia de largo. Embrulharam-nas num pano, e foram afiá-las no mercado da carne, onde só uma ou outra banca começava a abrir. Os primeiros clientes eram raros, mas vinte e duas pessoas declararam ter ouvido tudo quanto disseram, e todas coincidiam na impressão de que eles disseram o que disseram com o propósito único de serem ouvidos. Faustino Santos, um carneiro amigo viu-os entrar às 3 e 20, quando acabava de abrir a sua banca de miúdos, e não percebeu porque é que eles ali apareciam a uma segunda-feira e tão cedo, e ainda vestidos com os fatos escuros do casamento. Estava habituado a vê-los à sexta, mas um bocado mais tarde, e com os aventais de couro que punham para a matança. "Pensei que estavam tão bêbados", disse-me Faustino Santos, "que se tinham enganado não só na hora como na data." Lembrou-lhes que era segunda-feira.

— E quem é que não sabe disso, ó medricas? — respondeu-lhe de bom parecer Pablo Vicario. — Viemos afiar as facas, mais nada.

Afiaram-nas na pedra de amolar, tal qual sempre faziam: Pedro segurando as duas facas e alternando-as sobre a pedra, e Pablo dando à manivela. Ao mesmo tempo falavam do esplendor do casamento com os outros carneiros. Alguns destes queixavam-se de não terem recebido a sua fatia de bolo, apesar de serem companheiros de ofício, e eles prometeram que a mandavam trazer mais tarde. No fim, fizeram cantar as facas na pedra, e Pablo chegou-se à lâmpada para ver cintilar o aço.

— Vamos matar Santiago Nasar — disse.

Tinham tão bem fundada a sua reputação de boa gente, que ninguém fez caso deles. "Pensámos que eram coisas de bêbados", declararam vários carneiros, exactamente como Victoria Guzmán e tantas outras pessoas que os viram depois. Eu haveria de perguntar um dia aos carneiros se o ofício de magarefe revelava uma alma predisposta a matar um ser humano. Protestaram: "Quem mata uma rês não se atreve a olhá-la nos olhos." Um deles disse-me que não conseguia comer carne de um animal que degolava. Outro disse-me que não seria capaz de abater uma vaca que tivesse conhecido antes, e muito menos se tivesse bebido do seu leite. Lembrei-lhes que os irmãos Vicario abatiam os porcos que eles próprios criavam, e que lhes eram tão familiares que os distinguiam pelos nomes. "É verdade", replicou um, "mas repare bem que não lhes punham nomes de pessoas, mas de flores."

Faustino Santos foi o único que percebeu uma chispa de verdade na ameaça de Pablo Vicario, e perguntou-lhe de brincadeira por que tinham eles de matar Santiago Nasar, se havia tantos ricos que mereciam morrer primeiro.

— Santiago Nasar sabe porquê — respondeu-lhe Pedro Vicario.

Faustino Santos contou-me que tinha ficado a remoer nisto, e comunicou a sua dúvida a um polícia que passou um pouco mais tarde a comprar uma libra de fígado para o pequeno-almoço do presidente da Câmara. O guarda, segundo os autos, chamava-se Leandro Pornoy, e viria a morrer no ano seguinte de uma cornada de touro na jugular, durante as festas do santo patrono. De maneira que nunca cheguei a falar com ele, mas Clotilde Armenta confirmou-me que fora a primeira pessoa a estar na sua leitaria já quando os gémeos Vicario se tinham sentado a esperar.

Clotilde Armenta acabava de render o marido ao balcão. Era o sistema habitual. O estabelecimento vendia leite de manhãzinha e mercearia durante o dia, transformando-se em café a partir das seis da tarde. Clotilde Armenta abria a porta às 3.30 da manhã. O marido, o bom do D. Rogelio de Ia Flor, encarregava-se do café até à hora de fecho. Mas naquela noite houve tantos clientes transviados do casamento, que foi deitar-se passado das três sem ter fechado o estabelecimento, e Clotilde Armenta estava a pé mais cedo do que o costume, pois queria correr os taipais antes de o bispo chegar.

Os irmãos Vicario entraram às 4 e 10. A essa hora só se vendiam petiscos, mas Clotilde Armenta vendeu-lhes uma garrafa de aguardente de cana, não só pela estima que tinha por eles, mas também porque estava agradecidíssima pelo bocado de bolo que lhe tinham mandado. Beberam a garrafa inteira em duas grandes goladas, mas continuaram como se nada fosse. "Estavam pasmos", disse-me Clotilde Armenta, "e já não iam lá nem com uma medida de petróleo pelos gorgomilos." Despiram então os casacos, dependuraram-nos com todo o cuidado nas costas das cadeiras, e pediram outra garrafa. Tinham a camisa suja de suor seco e uma barba de dois dias que lhes dava um ar montês. A segunda garrafa beberam-na mais devagar, sentados, olhando com insistência para a casa de Plácida Linero, no passeio oposto, com as janelas sem luz. A maior varanda era a do quarto de Santiago Nasar. Pedro Vicario perguntou a Clotilde Armenta se tinha visto luz nessa janela, e ela disse que não, mas pareceu-lhe uma curiosidade estranha.

— Sucedeu-lhe alguma coisa? — perguntou.

— Nada — respondeu Pedro Vicario. — Nós é que andamos à procura dele para matá-lo.

Foi uma resposta tão espontânea que ela não pôde crer que fosse verdade. Mas reparou que os gémeos traziam duas facas de magarefe embrulhadas em panos de cozinha.

— E pode-se saber por que é que vocês querem matá-lo a esta hora da noite? — perguntou.

— Ele sabe porquê — respondeu Pedro Vicario.

Clotilde Armenta observou-os muito séria. Conhecia os dois tão bem que sabia distinguir um do outro, sobretudo depois de Pedro Vicario voltar da tropa. "Pareciam duas crianças", disse-me. E essa reflexão assustou-a, pois sempre pensara que só as crianças são capazes de tudo. Acabou, portanto, de preparar o vasilhame do leite, e foi acordar o marido para contar-lhe o que se passava na loja. D. Rogelio de la Flor ouviu-a ainda meio a dormir.

— Não sejas medrosa — disse-lhe —, esses dois não vão matar ninguém, e muito menos um rico.

Quando Clotilde Armenta voltou para o estabelecimento, os gémeos estavam à conversa com o guarda Leandro Pornoy, que vinha buscar o leite do presidente da Câmara. Não ouviu o que diziam, mas supôs que alguma coisa haviam contado dos seus propósitos, pelo modo como o guarda observou as facas ao sair.

O coronel Lázaro Aponte tinha-se levantado pouco antes das quatro. Acabava de fazer a barba, quando o guarda Leandro Pornoy lhe revelou as intenções dos irmãos Vicario. Resolvera tantas pendências de amigos na noite anterior que não se deu à mínima pressa por mais uma. Vestiu-se com calma, fez e desfez várias vezes o laço à papillon até ficar perfeito, e enfiou ao pescoço o escapulário da Congregação de Maria para receber o bispo. Enquanto comia um guisado de fígado com rodelinhas de cebola, a esposa contou-lhe excitadíssima que Bayardo San Román tinha ido pôr Angela Vicario em casa dos pais, mas não considerou isso com o mesmo dramatismo.

— Meu Deus — casquinou —, que irá pensar o bispo?

Antes de acabar o pequeno-almoço, porém, recordou o que acabava de dizer-lhe a ordenança, juntou as duas notícias e descobriu de imediato que se casavam uma à outra, como duas metades duma charada. Dirigiu-se então até à praça pela rua do porto novo, cujas casas começavam a reanimar-se por causa da chegada do bispo. "Lembro-me com certeza absoluta que eram quase cinco da manhã e começava a chover", disse-me o coronel Lázaro Aponte. No trajecto, três pessoas fizeram-no parar para lhe contarem em segredo que os irmãos Vicario estavam à espera de Santiago Nasar para matá-lo, mas só uma soube dizer onde.

Encontrou-os no estabelecimento de Clotilde Armenta. "Quando os vi pensei que era uma bravata pura e simples", disse-me com a sua lógica pessoal, "pois não estavam tão bêbedos como eu julgava." Nem sequer os interrogou sobre as suas intenções, limitando-se a tirar-lhes as facas e a mandá-los para a cama. Tratava-os com a mesma paz de alma com que tinha esquivado o alarme da esposa.

— Vejam lá vocês — disse-lhes —, que vai dizer o senhor bispo se os encontra nesse estado!

Foram-se os dois embora. Clotilde Armenta sofreu nova desilusão com a leviandade do presidente da Câmara, pois era de opinião que ele devia prender os

gêmeos até esclarecer a verdade. O coronel Aponte mostrou-lhe as facas com um argumento final.

-já não têm com que matar ninguém — disse.

— Não é por isso — disse Clotilde Armenta. — É para livrar esses pobres rapazes do horrível compromisso que lhes caiu em cima.

Porque ela intuía tudo. Tinha a certeza de que os irmãos Vicario estavam menos ansiosos por cumprir a sentença do que por encontrar alguém que lhes fizesse o favor de impedi-lo. Mas o coronel Aponte estava em paz com a sua alma.

— Não se prende ninguém por uma simples suspeita — disse. — Agora é preciso é avisar Santiago Nasar, e boas-festas.

Clotilde Armenta recordaria sempre que o semblante anafado do coronel Aponte lhe causava uma certa desventura, porém eu evocava-o como um homem feliz, se bem que um bocado transtornado pela prática solitária do espiritismo aprendido por correspondência. O seu comportamento naquela segunda-feira foi a prova da sua frivolidade. A verdade é que nunca mais se lembrou de Santiago Nasar até vê-lo no porto, e então felicitou-se por ter tomado a decisão justa.

Os irmãos Vicario tinham revelado as suas intenções a mais de doze pessoas que foram comprar leite, e estas tinham-nas divulgado por todo o lado antes das seis. à Clotilde Armenta parecia-lhe impossível que se não soubesse na casa da frente. Pensava que Santiago Nasar não estava lá, pois não tinha visto acender-se a luz do quarto, e a toda a gente que pôde pediu que o avisassem onde quer que o vissem. Mandou avisar até mesmo o padre Amador, pela noviça de serviço que foi comprar o leite para as freiras. Passado das quatro, quando viu luz na cozinha da casa de Plácida Linero, mandou o último recado urgente pela pobre que ia todos os dias pedir a esmola de um quartilho de leite. Quando bramiu o barco do bispo, quase toda a gente estava acordada para recebê-lo, e éramos muito poucos os que não sabíamos que os gêmeos Vicario estavam à espera de Santiago Nasar para matá-lo, e conhecia-se além disso o motivo com os seus pormenores completos.

Clotilde Armenta não acabara de aviar o leite quando voltaram os irmãos Vicario com outras duas facas embrulhadas em papel de jornal. Uma era de desmanchar, com uma lâmina oxidada e dura de doze polegadas de comprimento por três de largo, que tinha sido fabricado por Pedro Vicario com a folha duma serra de marceneiro numa época em que deixaram de vir facas alemãs por causa da guerra. A outra era mais curta, mas larga e encurvada. O juiz instrutor desenhou-a numa folha dos autos, talvez por não ter podido descrevê-la, e arriscou-se no máximo a indicar que parecia um alfanje em miniatura. Foi com estas facas que se cometeu o crime, e eram ambas rudimentares e com muito uso.

Faustino Santos não conseguiu entender o que se passava. "Vieram afiar outra vez as facas", disse-me, "e voltaram a gritar para que os ouvissem bem que iam arrancar as tripas a Santiago Nasar, de maneira que eu achei que eles estavam mas

era a chuchar connosco, sobretudo porque não reparei nas facas, e pensei que eram as mesmas." Desta vez, porém, Clotilde Armenta notou, assim que os viu entrar, que não traziam a mesma determinação de antes.

De facto, tinham tido a primeira discrepância. Não apenas porque eram muito mais diferentes por dentro do que pareciam por fora, mas em emergências difíceis tinham génios contrários. Nós, que éramos seus amigos, tínhamos descoberto isso desde a escola primária. Pablo Vicario era seis minutos mais velho que o irmão, e foi mais Imaginativo e mais decidido até à adolescência. Pedro Vicario pareceu-me sempre mais sentimental, e por isso mais autoritário. Foram juntos às sortes aos vinte anos, e Pablo Vicario ficou livre como amparo de família. Pedro Vicario fez o serviço militar durante onze meses em patrulhas de ordem pública. O regime da tropa, agravado pelo medo da morte, amadureceu-lhe a vocação de mandar e o costume de decidir pelo irmão. Regressou com uma blenorragia de sargento que resistiu aos métodos mais brutais da medicina militar, e às injeções de arsénico e às irrigações de permanganato do dr. Dionísio Iguarán. Só na penitenciária é que conseguiram curá-lo. Nós, seus amigos, estávamos de acordo em que Pablo Vicario criou rapidamente uma dependência estranha de irmão mais novo, quando Pedro Vicario regressou com uma alma quartelária e a novidade de levantar a camisa para mostrar, a quem quisesse vê-la, uma cicatriz de bala inofensiva no costado esquerdo. Chegou mesmo a sentir uma espécie de fervor diante da blenorragia de homem adulto que o irmão exibia como uma condecoração de guerra.

Pedro Vicario, segundo declaração própria, foi quem tomou a decisão de matar Santiago Nasar, e ao princípio o irmão não fez mais do que segui-lo. Mas também foi ele que pareceu dar por saldado o compromisso quando o presidente da Câmara os desarmou, e então foi Pablo Vicario que assumiu o comando. Nenhum dos dois mencionou este desacordo nas suas declarações em separado ao juiz instrutor. Mas Pablo Vicario confirmou-me mais de uma vez que não lhe fora fácil convencer o irmão da resolução definitiva. Talvez não fosse realmente uma lufada de pânico, mas o certo é que Pablo Vicario entrou sozinho na pocilga a buscar as outras duas facas, enquanto o irmão agonizava gota a gota, tentando urinar debaixo dos tamarindeiros. "O meu irmão nunca soube o que é isso", disse-me Pedro Vicario na nossa única entrevista. "Era como mijar vidro moído." Pablo Vicario encontrou-o ainda abraçado à árvore quando voltou com as facas. "Estava a suar frio da dor que sentia", disse-me, "e foi dizendo que fosse eu sozinho, porque ele não estava em condições de matar ninguém." Sentou-se num dos bancos de carpinteiro que tinham posto sob as árvores para o almoço do casamento, e baixou as calças até aos joelhos. "Esteve aí uma meia hora a mudar o penso em que trazia embrulhada a piça", disse-me Pablo Vicario. Na verdade não demorou mais de dez minutos, mas foi uma coisa tão difícil, e tão enigmática para Pablo Vicario, que este a interpretou como mais uma artimanha do irmão para perder tempo até ao amanhecer. De maneira que lhe pôs a faca nas mãos e levou-o quase à força a procurar a honra perdida da irmã.

— Isto não tem remédio — disse-lhe —, é como se já tivesse acontecido.

Saíram pela cancela da pocilga com as facas ainda por embrulhar, perseguidos pela algazarra dos cães nos quintais. Começava a clarear. "Não chovia", recordava Pablo Vicario. "Pelo contrário", recordava Pedro "soprava vento do mar e as estrelas ainda se podiam contar com o dedo." A notícia estava nesta altura tão bem espalhada, que Hortensia Baute abriu a porta exactamente quando eles iam a passar em frente de sua casa, e foi a primeira pessoa que chorou por Santiago Nasar. "Pensei que já o tinham matado", disse-me, "porque vi as facas à luz do candeeiro e pareciam esguichar sangue." Uma das poucas casas que estavam abertas nessa rua desviada era a de Prudencia Cotes, noiva de Pablo Vicario. Todas as vezes que os gémeos passavam por ali àquela hora, e em especial à sexta-feira, quando iam para o mercado, entravam a tomar o primeiro café. Empurraram o portão do quintal, acoitados pelos cães que os reconheceram no escuro da alvorada, e cumprimentaram a mãe de Prudencia Cotes na cozinha. O café ainda não estava pronto.

— Fica para depois — disse Pablo Vicario — que agora temos pressa.

— Faço ideia, meus filhos — disse ela —, a honra não espera.

Mas de qualquer maneira esperaram, e então foi Pedro Vicario que pensou que o irmão estava a perder tempo de propósito. Enquanto tomavam o café, Prudencia Cotes saiu à cozinha em plena adolescência, com um maço de jornais velhos para espevitado o lume da fornalha. "Eu sabia ao que eles andavam", disse-me, "e não só estava de acordo como nunca me casaria com ele se não cumprisse como homem." Antes de abandonar a cozinha, Pablo Vicario tirou-lhe duas folhas de jornal e deu uma delas ao irmão para embrulhar as facas. Prudencia Cotes ficou à espera na cozinha até vê-los sair pelo portão do quintal, e continuou à espera durante três anos sem um instante de desalento, até que Pablo Vicario saiu da prisão e foi o seu marido de toda a vida.

— Tenham cuidado — disse-lhes.

De maneira que à Clotilde Armenta não faltava razão quando lhe pareceu que os gémeos não estavam tão resolutos como antes, e serviu-lhes uma garrafa de aguardente de verbasco com a esperança de emborrachá-los de vez. "Nesse dia percebi", disse-me, "como nós, mulheres, estamos sozinhas no mundo!" Pedro Vicario pediu-lhe emprestados os utensílios de barbear do marido, e ela trouxe-lhe o pincel, o sabão, o espelho de pendurar e a gilete com a lâmina nova, mas ele raspou a cara com a faca de desmanchar. Clotilde Armenta pensava que isso tinha sido o cúmulo do machismo. "Parecia um valentão desses das fitas de cinema", disse-me. No entanto, ele explicou-me depois, e era verdade, que no quartel tinha aprendido a fazer a barba à navalha, e nunca mais conseguiu fazê-la de outra maneira. O irmão, por seu turno, barbeou-se mais humildemente com a gilete emprestada de D. Rogelio de la Flor. Por fim beberam a garrafa em silêncio, muito devagar, contemplando com esse ar zozzo que fica da ressaca a janela apagada da

casa da frente, enquanto passavam clientes fingidos a comprar leite sem necessidade e a perguntar por géneros de mercearia que não existiam, com a intenção de ver se era verdade que estavam à espera de Santiago Nasar para matá-lo.

Os irmãos Vicario não veriam acender-se essa janela. Santiago Nasar entrou em casa às 4 e 20, mas não teve que acender luz alguma para chegar ao quarto, porque a lâmpada da escada ficava acesa durante a noite. Estendeu-se na cama às escuras e vestido, pois só lhe restava uma hora para dormir, e assim deu com ele Victoria Guzmán, quando subiu a acordá-lo para ir receber o bispo. Tínhamos estado juntos na casa de Maria Alejandrina Cervantes até passado das três, quando ela própria despachou os músicos e apagou as luzes do pátio de baile para que as suas mulatas de prazer fossem descansar sozinhas. Há três dias e três noites que trabalhavam sem repouso, primeiro atendendo em segredo os convidados de honra, e depois limpas e desentupidas de porta aberta pelos que tínhamos ficado agitados com a festa de casamento. Maria Alejandrina Cervantes, de quem dizíamos que só havia de dormir uma vez para morrer, foi a mulher mais elegante e mais terna que eu jamais conheci, e a mais completa na cama, mas também a mais severa. Tinha nascido e crescido aqui, e aqui vivia, numa casa de portas abertas com vários quartos de aluguer e um enorme pátio de baile com cabaças de luz compradas nos bazares chineses de Paramaribo. Foi ela quem estoizou com a virgindade da minha geração. Ensinou-nos muito mais do que devíamos aprender, mas ensinou-nos acima de tudo que nenhum lugar da vida é mais triste do que uma cama vazia. Santiago Nasar perdeu o tino desde o momento em que a viu. Eu avisei-o: "Falcão que se atreve com garça guerreira, perigos espreita." Mas ele não me ouviu, aturdido pelos silvos quiméricos de Maria Alejandrina Cervantes. Ela foi a sua paixão destrambelhada, a sua professora de lágrimas aos quinze anos, até que Ibrahim Nasar lho tirou da cama à correada e o encerrou mais de um ano no "Divino Rosto". Desde então continuaram ligados por um afecto sério, mas sem a desordem do amor, e ela tinha-lhe tanto respeito que não voltou a ir para a cama com ninguém se ele estivesse presente. Naquelas últimas férias despachava-nos cedo com o pretexto inverosímil de que estava cansada, mas deixava as portas sem tranca e uma luz do corredor acesa para eu voltar a entrar em segredo.

Santiago Nasar tinha um talento quase mágico para os disfarces, e a sua diversão predilecta era baralhar a identidade das mulatas. Saqueava os guarda-vestidos de umas para disfarçar as outras, de maneira que todas acabavam por sentir-se diferentes de si próprias e iguais às que não eram. Certa ocasião, uma delas viu-se repetida noutra com tal acerto que sofreu uma crise de choro. "Senti que tinha saído do espelho", disse. Mas naquela noite, Maria Alejandrina Cervantes não permitiu que Santiago Nasar se deleitasse pela última vez com os seus artifícios de travesti, e fê-lo com pretextos tão frívolos que o mau sabor dessa recordação mudou toda a sua vida. Foi assim que agarrámos nos músicos e os levámos para uma rusga de serenatas, e continuámos a pândega por nossa conta, enquanto os gémeos Vicario

esperavam Santiago Nasar para matá-lo. Foi ele que teve a ideia, quase às quatro da manhã, de subirmos à colina do viúvo Xius para cantar aos recém-casados. Não só lhes cantámos pelas janelas, mas lançámos foguetes e rebentámos petardos nos jardins, porém não notámos nem um sinal de vida dentro da quinta. Não nos passou pela cabeça que não houvesse ninguém, especialmente porque o automóvel novo estava à porta, ainda com a capota dobrada e as fitas de cetim e os ramos de flor de laranjeira de parafina que lhe tinham posto na festa. Meu irmão Luís Enrique, que por esse tempo tocava viola como um profissional, improvisou em honra dos recém-casados uma canção de equívocos matrimoniais. Até então não tinha chovido. Pelo contrário, a Lua estava no meio do céu, e o ar era diáfano, e no fundo do precipício via-se a regueira de luz dos fogos-fátuos no cemitério. Do outro lado divisavam-se as sementeiras de bananas azuis ao luar, os pantanais tristes e a linha fosforescente das Caraíbas no horizonte. Santiago Nasar apontou um lume intermitente no mar, e disse-nos que era a alma penada de um barco negreiro que se afundara, com um carregamento de escravos do Senegal, em frente da barra grande de Cartagena de Índias. Não era possível pensar que tivesse algum peso na consciência, apesar de então desconhecer que a efémera vida matrimonial de Angela Vicario terminara duas horas antes. Bayardo San Román tinha-a levado a pé para casa dos pais para que o trabalhar do motor não denunciasse a sua desgraça antes de tempo, e estava outra vez sozinho e com as luzes apagadas na quinta feliz do viúvo Xius. Quando descemos a colina, meu irmão convidou-nos a comer um pequeno-almoço de peixe frito na cantina do mercado, mas Santiago Nasar opôs-se porque ainda queria dormir uma hora antes de o bispo chegar. Desandou com Cristo Bedoya pela beira-rio, bordejando as barracas de pobres que começavam a acender as luzes no porto velho, e antes de dobrar a esquina fez-nos um sinal de adeus com a mão. Foi a última vez que o vimos.

Cristo Bedoya, com quem combinara encontrar-se mais tarde no porto, despediu-se dele à entrada das traseiras. Os cães costumavam ladrar-lhe quando o senti entrar, mas ele amansava-os com o tilintar das chaves. Victoria Guzmán estava de atalaia à cafeteira no fogão quando ele atravessou a cozinha para entrar em casa.

— Branco — chamou-o —, o café está pronto não tarda.

Santiago Nasar disse-lhe que o tomaria mais tarde, e pediu-lhe que dissesse a Divina Flor para o acordar às cinco e meia e levar-lhe uma muda de roupa limpa igual à que trazia vestida. Logo a seguir a ele subir para se ir deitar, Victoria Guzmán recebeu o recado de Clotilde Armenta pela pobre do leite. às 5 e 30 cumpriu a ordem de acordá-lo, mas não mandou Divina Flor, subiu ela própria até ao quarto com o fato de linho, pois não perdia a mínima ocasião de preservar a filha das garras do boiardo. Maria Alejandrina Cervantes tinha deixado destrancada a porta de casa. Despedi-me de meu irmão, atravessei o corredor onde dormiam os gatos das mulatas, amontoados entre as tulipas, e empurrei a porta do quarto sem bater. As luzes estavam apagadas, mas assim que entrei senti o cheiro de mulher

morna e vi os olhos de leoparda insone na escuridão, e depois não voltei a saber de mim até os sinos começarem a tocar.

De passagem para nossa casa, meu irmão entrou no estabelecimento de Clotilde Armenta a comprar cigarros. Tinha bebido tanto que as suas recordações daquele encontro foram sempre bastante confusas, mas jamais esqueceu o copo mortal que lhe ofereceu Pedro Vicario. "Era puro lume", disse-me. Pablo Vicario, que tinha começado a adormecer, acordou sobressaltado quando o sentiu entrar, e mostrou-me a faca.

— Vamos matar Santiago Nasar — disse.

Meu irmão não se lembrava. "Mas ainda que me lembrasse não teria acreditado", disse-me mais uma vez. "Porra, quem podia pensar que os gêmeos iam matar alguém, e mais ainda com uma faca dos porcos!" Depois perguntaram-me onde estava Santiago Nasar, pois tinham-nos visto juntos, e meu irmão também se não lembra da sua resposta. Mas Clotilde Armenta e os irmãos Vicario ficaram de tal maneira surpresos ao ouvi-la que a deixaram registada nos autos em declarações separadas. Segundo eles, meu irmão disse: "Santiago Nasar está morto." Depois deu uma bênção episcopal, tropeçou no lancil da porta e saiu aos tombos. No meio da praça cruzou-se com o padre Amador. Ia a caminho do porto com as suas vestes de oficial, seguido por um acólito que tocava a campainha e por vários ajudantes com o altar para a missa campal do bispo. Ao verem-nos passar, os irmãos Vicario persignaram-se.

Clotilde Armenta contou-me que tinha perdido as últimas esperanças, quando o pároco passou de largo frente ao seu estabelecimento. "Pensei que não tinha recebido o meu recado", disse. O padre Amador, porém, confessou-me muitos anos depois, retirado na tenebrosa Casa de Saúde de Calafell, que realmente recebera a mensagem de Clotilde Armenta, e outras mais peremptórias, enquanto se preparava para ir para o porto. "A verdade é que eu não soube que fazer", disse-me. "A primeira coisa em que pensei foi que não era um problema meu mas da autoridade civil, mas depois resolvi dizer qualquer coisa de passagem a Plácida Linero." Quando atravessou a praça, porém, já se tinha esquecido por completo. "Você tem que perceber", disse-me, "naquele dia desgraçado chegava o senhor bispo." No momento do crime sentiu-se tão desesperado, e tão indigno de si próprio, que não lhe ocorreu mais nada além de mandar tocar a fogo.

Meu irmão Luís Enrique entrou em casa pela porta da cozinha, que minha mãe deixava sem ferrolho para meu pai não nos ouvir entrar. Foi à casa de banho antes de deitar-se, mas adormeceu na retrete, e quando meu irmão Jaime se levantou para ir para a escola, foi dar com ele deitado de borco nas lajes do chão, e cantando a dormir. Minha irmã freira, que não iria esperar o bispo porque tinha um febrão de quarenta graus, não conseguiu acordá-lo. "Estavam a dar as cinco quando fui à casa de banho", disse-me. Mais tarde, quando minha irmã Margot entrou para tomar banho antes de ir para o porto, lá o levou a muito custo até ao quarto. Do outro lado

do sono, ouviu sem acordar os primeiros bramidos do barco do bispo. Depois adormeceu profundamente, rendido pela pândega, até que minha irmã freira entrou no quarto para vestir à pressa o hábito, acordando-o com o seu grito de louca:

— Mataram Santiago Nasar!

OS ESTRAGOS PRODUZIDOS PELAS FACAS NÃO foram mais do que um começo da autópsia inclemente que o padre Carmen Amador se viu obrigado a fazer, dada a ausência do dr. Dionísio Iguarán. "Foi como se tivéssemos voltado a matá-lo depois de morto", disse-me o antigo pároco no seu retiro de Calafell. "Mas era uma ordem do presidente da Câmara, e as ordens daquele bruto, por estúpidas que fossem, tinham de ser cumpridas." Não era justo. Na confusão daquela segunda-feira absurda, o coronel Aponte mantivera um diálogo telegráfico urgente com o governador da província, e este autorizou-o a encetar as diligências preliminares enquanto não mandavam um juiz instrutor. O presidente da Câmara tinha sido oficial da tropa sem a mínima experiência em assuntos de justiça, e era demasiado enfatuado para perguntar a alguém, que o soubesse, por onde devia principiar. A sua primeira preocupação foi a autópsia. Cristo Bedoya, que era estudante de medicina, conseguiu dispensa por ser amigo íntimo de Santiago Nasar. O presidente da Câmara pensou que o corpo podia ser mantido refrigerado até regressar o dr. Dionísio Iguarán, mas não encontrou uma geleira de tamanho humano, e a única apropriada que havia no mercado estava avariada. O corpo fora exposto à contemplação pública no centro da sala, estendido sobre um acanhado catre de ferro, enquanto não fabricavam para ele um caixão de rico. Tinham trazido as ventoinhas dos quartos, de algumas das casas vizinhas, mas havia tanta gente ansiosa por vê-lo que foi preciso afastar os móveis e retirar as gaiolas e os vasos de fetos, e mesmo assim era insuportável o calor. Além disso, os cães, excitados pelo cheiro da morte, aumentavam a agitação. Não tinham parado de uivar desde que eu entrei na casa, quando Santiago Nasar ainda agonizava na cozinha, e fui dar com Divina Flor chorando em alta grita, e mantendo-os em respeito com uma tranca.

— Dê-me uma mão — gritou —, que eles querem é comer-lhe as tripas!

Fechámo-los a cadeado nas manjedouras. Plácida Linero mandou mais tarde levá-los para um lugar afastado até depois do enterro. Mas por volta do meio-dia, ninguém soube como, escaparam-se de onde estavam e irromperam em casa enlouquecidos. Plácida Linero perdeu por uma vez as estribeiras.

— Cães de merda! — gritou. — Matem-nos!

A ordem foi imediatamente cumprida, e a casa voltou a ficar em silêncio. Até então não havia o menor dos receios pelo estado do corpo. O rosto ficara intacto, com a mesma expressão que tinha quando cantava, e Cristo Bedoya voltara a acomodar-lhe as vísceras no lugar e enfaixara-o com um pano de linho. No entanto, à tarde, começaram a escorrer das feridas umas águas cor de xarope que atraíram as moscas, e uma mancha violácea apareceu-lhe no buço e alastrou devagarinho, como a sombra de uma nuvem na água, até à raiz do cabelo. A cara que sempre fora

indulgente adquiriu uma expressão de inimigo, e a mãe tapou-a com um lenço. O coronel Aponte compreendeu então que já não era possível esperar, e ordenou ao padre Amador que procedesse à autópsia. "Seria pior se o desenterrássemos daqui a uma semana", disse. O pároco tinha estudado Medicina e Cirurgia em Salamanca, mas ingressara no seminário sem se formar, e até mesmo o presidente da Câmara sabia que a sua autópsia carecia de valor legal. No entanto, fez cumprir a ordem.

Foi um massacre, consumado nas instalações da escola com a ajuda do boticário que tirou os apontamentos, e de um estudante do primeiro ano de Medicina que estava cá de férias. Dispuseram tão-só de uns instrumentos de pequena cirurgia, e o resto foram ferros de artesãos. Mas, exceptuando os destroços no corpo, o relatório do padre Amador parecia correcto, e o juiz instrutor apensou-o aos outros como uma peça útil.

Sete das inúmeras feridas eram mortais. O fígado estava quase seccionado por duas perfurações profundas na face anterior. Tinha quatro incisões no estômago, e uma delas tão profunda que o atravessou de lado a lado e lhe destruiu o pâncreas. Tinha outras seis perfurações menores no cólon transversal, e múltiplas feridas no intestino delgado. A única que tinha no dorso, à altura da terceira vértebra lombar, perfurara-lhe o rim direito. A cavidade abdominal estava ocupada por grandes postas de sangue, e entre o lodaçal do conteúdo gástrico apareceu uma medalha de Nossa Senhora do Carmo que Santiago Nasar engolira com a idade de quatro anos. A cavidade torácica mostrava duas perfurações: uma no segundo espaço intercostal direito que foi lesionar o pulmão, e outra muito próxima da axila esquerda. Tinha ainda seis feridas mais pequenas nos braços e mãos, e dois cortes horizontais: um na coxa direita e o outro nos músculos do abdómen. Tinha uma ferida perfurante profunda na palma da mão direita. O relatório diz: "Parecia um estigma do Crucificado." A massa encefálica pesava mais sessenta gramas que a de um inglês normal, e o padre Amador consignou no relatório que Santiago Nasar tinha uma inteligência superior e um futuro brilhante. Na nota final, porém, sublinhava uma hipertrofia do fígado, que atribuiu a uma hepatite mal curada. "Quer dizer", disse-me, "que de qualquer forma poucos anos de vida lhe restavam." O dr. Dionísio Iguarán, que realmente tinha tratado Santiago Nasar de uma hepatite aos doze anos, recordava indignado aquela autópsia. "Tinha que ser padre para ser assim tão bruto", disse-me. "Não houve maneira de fazer-lhe compreender que nós, gente do trópico, temos o fígado maior que os galegos." O relatório concluía que a causa da morte fora uma hemorragia maciça ocasionada por qualquer das sete feridas maiores.

Devolveram-nos um corpo diferente. Metade do crânio fora despedaçado com a trepanação, e o rosto de galã que a morte poupou acabou de perder a sua identidade. Além disso, o pároco tinha arrancado com um puxão as vísceras retalhadas, mas no fim não soube o que fazer com elas, abençoando-as de raiva e atirando-as para o balde do lixo. Aos últimos curiosos, que espreitavam pelas janelas da escola, acabou-se-lhes a curiosidade, o ajudante desvaneceu-se, e o

coronel Lázaro Aponte, que tinha visto e causado tantos massacres de repressão, acabou transformado em vegetariano, além de espiritista. O cascarrão vazio, enchumaçado de trapos e cal viva, e cosido à matroca com barbante grosso e agulhas de enfardelar, estava quase a desconjuntar-se, quando o pusemos no caixão novo de seda acolchoada. "Pensei que assim se conservaria mais tempo", disse-me o padre Amador. Aconteceu o contrário: tivemos que enterrá-lo à pressa de manhãzinha, pois estava em tão mau estado que já se não suportava dentro de casa.

Despontava uma terça-feira turva. Não tive coragem para dormir sozinho ao fim desta jornada opressiva, e empurrei a porta da casa de Maria Alejandrina Cervantes a ver se não tinha corrido o ferrolho. As cabaças de luz estavam acesas nas árvores, e no pátio de baile havia vários fogões a lenha com enormes panelas fumegantes, onde as mulatas tingiam de luto as suas roupas das festas. Fui dar com Maria Alejandrina Cervantes acordada como sempre ao amanhecer, e completamente nua como sempre que não havia estranhos em casa. Estava sentada à turca sobre a cama de rainha diante de um pratalhão de comida: costeletas de vitela, uma galinha cozida, lombo de porco, e uma guarnição de banana e legumes que teriam dado para cinco pessoas. Comer sem medida foi sempre o seu único modo de chorar, e eu nunca a tinha visto fazê-lo com tanta mágoa. Deitei-me a seu lado, quase sem falar, e chorando também a meu modo. Pensava na crueldade do destino de Santiago Nasar, que lhe tinha feito pagar vinte anos de felicidade não apenas com a morte, mas também com o retalhar do corpo, e com a sua dispersão e extermínio. Sonhei que uma mulher entrava no quarto com uma menina nos braços, e que esta mastigava sem respirar e os grãos de milho meio mastigados caíam no seu soutien. A mulher disse-me: "Ela mastiga à maluca, sem ligar, sem desligar." De repente senti os dedos ansiosos que me desapertavam os botões da camisa, e senti o cheiro perigoso do animal de amor deitado atrás de mim, e senti que me afundava nas delícias das areias movediças da sua ternura. Mas parou de chofre, tossiu de muito longe e safou-se da minha vida.

— Não posso — disse —, tu cheiras a ele.

E não era só eu. Tudo continuou a cheirar naquele dia a Santiago Nasar. Os irmãos Vicario sentiram-no no calabouço onde os encerrara o presidente da Câmara enquanto não descobria o que fazer com eles. "Por mais que me esfregasse com sabão e escova não conseguia tirar o cheiro", disse-me Pedro Vicario. Iam em três noites sem dormir, mas não conseguiam descansar, pois assim que começavam a adormecer lá voltavam eles a cometer o crime. já quase velho, tentando explicar-me o seu estado naquele dia interminável, Pablo Vicario disse-me sem nenhum esforço: "Era como estar acordado duas vezes." Essa frase fez-me pensar que o mais insuportável para eles no calabouço deve ter sido a lucidez.

O aposento tinha três metros de lado, uma clarabóia muito alta com barras de ferro, uma latrina portátil, um lavatório com a sua bacia e o seu jarro, e duas camas de alvenaria com colchões de esteira. O coronel Aponte, sob cujo mandato fora

construído, dizia não ter havido nunca pousada mais humana. Meu irmão Luís Enrique estava de acordo, pois uma noite prenderam-no por causa de uma rixa de músicos, e o presidente da Câmara permitiu por caridade que o acompanhasse uma das mulatas. Talvez os irmãos Vicario tivessem pensado o mesmo às oito da manhã, quando se sentiram a salvo dos árabes. Nesse momento reconfortava-os o prestígio de terem cumprido a sua lei, e a única inquietação que sentiam era a persistência do cheiro. Pediram abundância de água, sabão pardo e uma escova, e lavaram o sangue dos braços e da cara, e lavaram as camisas, mas não conseguiram descansar. Pedro Vicario pediu também o seu permanganato e os seus diuréticos, e um rolo de gaze esterilizada para mudar o penso, e lá urinou duas vezes durante a manhã. No entanto, a vida foi-se-lhe tornando tão difícil à medida que avançava o dia, que o cheiro passou para segundo plano. Às duas da tarde, quando a modorra do calor teria podido fundi-los, Pedro Vicario estava tão cansado que não podia ficar estendido na cama, mas esse mesmo cansaço impedia-o de manter-se em pé. A dor nas virilhas quase que lhe chegava ao pescoço, tinha uma retenção de urinas, e padeceu a certeza espantosa de que não voltaria a dormir em todo o resto da sua vida. "Estive acordado onze meses", disse-me, e eu conhecia-o suficientemente bem para saber que falava verdade. Não conseguiu almoçar. Pablo Vicario, esse, comeu um pouco de cada coisa que lhe serviram, e um quarto de hora depois desatou numa soltura pestilencial. Às seis da tarde, enquanto autopsiavam o cadáver de Santiago Nasar, o presidente da Câmara foi chamado de urgência porque Pedro Vicario estava convencido de lhe terem envenenado o irmão. "Desfazia-se em merda", disse-me Pablo Vicario, "e não nos saía da cabeça que eram coisas dos turcos." Até então a latrina portátil transbordara já por duas vezes, e o guarda de plantão levava-o outras seis ao WC da Câmara. Ali o encontrou o coronel Aponte, vigiado pela guarda armada na retrete sem portas, e desaguando com tanta fluidez que não era absurdo pensar em veneno. Mas essa hipótese foi rapidamente posta de parte, quando se apurou que só tinha bebido da água e comido do almoço que lhes mandara Pura Vicario. O presidente da Câmara ficou, todavia, tão impressionado que levou os presos para sua casa com uma custódia especial, até que chegou o juiz de instrução e os transferiu para a penitenciária de Riohacha.

O temor dos gémeos correspondia ao estado de alma da rua. Não se descartava uma represália dos árabes, mas ninguém, a não ser os irmãos Vicario, pensara no veneno. Imaginava-se, isso sim, que aguardassem a noite para derramar gasolina pela clarabóia e pegar fogo aos presos dentro do calabouço. Mas mesmo essa era uma suposição demasiado fácil. Os árabes constituíam uma comunidade de imigrantes pacíficos que se fixaram em começos do século nas terras das Caraíbas, até nas mais remotas e pobres, e ali ficaram vendendo panos garridos e quinquilharias de feira. Eram unidos, laboriosos e católicos. Casavam-se entre si, importavam o seu trigo, criavam cordeiros nos quintais e cultivavam o orégão e a beringela, e a sua única paixão tormentosa eram os jogos de cartas. Os mais velhos continuavam a falar o árabe rural trazido da sua terra, e conservaram-no intacto em

família até à segunda geração, mas os da terceira, com exceção de Santiago Nasar, ouviam os pais falar em árabe e respondiam-lhes em castelhano. De maneira que não era concebível que fossem modificar de um momento para o outro o seu espírito pastoril para vingarem uma morte, cujos culpados podíamos ser todos nós. Em compensação ninguém pensou numa represália por parte da família de Plácida Linero, que fora gente de poder e de guerra até se lhe acabar a fortuna, e tinha engendrado mais que um rufião de taberna conservado pelo sal do seu nome.

O coronel Aponte, preocupado com a boataria, visitou os árabes, família a família, e pelo menos dessa vez tirou uma conclusão acertada. Encontrou-os perplexos e tristes, com tarjas de luto nos altares, e vários deles choravam em alta grita sentados no chão, mas nenhum alimentava propósitos de vingança. As reacções da manhã tinham despertado ao calor do crime, e os seus protagonistas admitiram que em caso algum teriam passado de uns sopapos. Mais ainda: foi Suseme Abdala, a matriarca centenária, que recomendou a infusão prodigiosa de flor da paixão e absinto maduro que estancou a soltura de Pablo Vicario e desatou por sua vez o manancial florido do irmão gémeo. Pedro Vicario caiu então num torpor insone, e o irmão restabelecido conciliou o primeiro sono sem remorsos. Assim os encontrou Purísima Vicario às três da manhã de terça-feira, quando o presidente da Câmara a levou para se despedir deles.

Foi-se embora toda a família, até mesmo as filhas mais velhas com os maridos, por iniciativa do coronel Aponte. Foram-se embora sem que alguém desse conta, ao amparo da exaustão pública, enquanto os únicos sobreviventes acordados daquele dia irreparável, eu entre eles, enterravam Santiago Nasar. Foram-se enquanto os ânimos serenavam, por decisão do presidente da Câmara, mas não voltaram nunca mais. Pura Vicario tapou com um pano o rosto da filha devolvida para que ninguém visse as nódoas negras, e vestiu-a de vermelho vivo para se não pensar que estava de luto pelo amante secreto. Antes de partir pediu ao padre Amador que confessasse os filhos na prisão, mas Pedro Vicario não quis, e convenceu o irmão de que nada tinham de que arrepender-se. Ficaram sozinhos, e no dia da transferência para Riohacha estavam tão recompostos e convictos da sua razão, que não aceitaram ser levados de noite, como tinham feito com a família, mas em plena luz do dia e dando a cara. O pai, Poncio Vicario, morreu pouco tempo depois. "Levou-o a dor moral", disse-me Angela Vicario. Quando os gémeos foram absolvidos, ficaram em Riohacha, a um dia de viagem de Manaure, onde vivia a família. Para lá foi Prudencia Cotes a casar com Pablo Vicario, que aprendera a arte do ouro na oficina do pai e chegou a ser um refinado ourives. Pedro Vicario, sem amor nem emprego, reintegrou-se três anos depois nas Forças Armadas, obteve a promoção por distinção a primeiro-sargento, e uma bela manhã internou-se em zona de guerrilha, cantando canções de putas, e nunca mais se soube dele.

Para a imensa maioria só houve uma vítima: Bayardo San Román. Pensava-se que os demais protagonistas da tragédia tinham cumprido com dignidade, e até mesmo com uma certa grandeza, o papel de relevo que a vida tinha assinalado para

cada um deles. Santiago Nasar expiara a injúria, os irmãos Vicario tinham provado a sua condição de homens, e a irmã enganada estava novamente de posse da sua honra. Só Bayardo San Román tudo perdera. "O pobre Bayardo", como foi lembrado anos a fio. E, no entanto, ninguém voltara a pensar nele até depois do eclipse da Lua, no sábado seguinte, quando o viúvo Xius contou ao presidente da Câmara que vira um pássaro fosforescente ajeitando sobre a sua antiga casa, e julgava ser a alma da esposa que reclamava os seus pertences. O presidente da Câmara deu uma palmada na testa que nada tinha a ver com a visão do viúvo.

— Porra — gritou. — Tinha-me esquecido desse desgraçado!

Subiu a colina com uma patrulha, e encontrou o descapotável em frente da quinta, e viu uma luz solitária no quarto do casal, mas ninguém respondeu aos seus chamamentos. Forçaram então uma porta lateral e percorreram os quartos iluminados pelos restos do eclipse. "As coisas pareciam que estavam debaixo de água", contou-me o presidente da Câmara. Bayardo San Román jazia inconsciente na cama, ainda vestido como o vira Pura Vicario na madrugada de terça-feira, com as calças de fantasia e a camisa de seda, mas sem os sapatos. Havia garrafas vazias no chão e muitas mais por abrir ao pé da cama, mas de comida nem sombras. "Estava no último grau da intoxicação etílica", disse-me o dr. Dionísio Iguarán, que fora vê-lo de urgência. Mas recuperou em poucas horas, e assim que recobrou os sentidos pôs toda a gente fora de casa com as melhores maneiras que foi capaz de arranjar.

— Não me fodam — disse. — Nem vocês nem o meu pai com os seus tomates de veterano.

O presidente da Câmara informou do episódio o general Petronio San Román, até à derradeira frase literal, com um telegrama alarmante. O general San Román deve ter tomado ao pé da letra o desejo do filho, pois não veio buscá-lo, mandando em sua vez a esposa com as filhas, e outras duas senhoras de idade que pareciam ser suas irmãs. Vieram num barco de carga, de luto cerrado até ao pescoço pela desgraça de Bayardo San Román, e com os cabelos soltos em sinal de dor. Antes de pisarem terra firme tiraram os sapatos e atravessaram as ruas até à colina, caminhando descalças sobre o pó ardente do meio-dia, arrancando punhados de cabelo e chorando com gritos tão desgarradores que mais pareciam de júbilo. Vi-as passar da varanda de Magdalena Oliver, e lembro-me de ter pensado que um desgosto assim só podia fingir-se para ocultar outras vergonhas maiores.

O coronel Lázaro Aponte acompanhou-as à casa da colina, e depois subiu o dr. Dionísio Iguarán com a sua mula das urgências. Quando o Sol abrandou, dois funcionários do município foram buscar Bayardo San Román numa rede suspensa de um pau, tapado até à cabeça com uma manta e com o seu séquito de carpideiras. Magdalena Oliver pensou que estava morto.

— Collóns de déu!^{4} — exclamou —, que desperdício.

Estava outra vez prostrado pelo álcool, mas custava a crer que o levassem vivo,

porque o braço direito ia de roxo pelo chão, e assim que a mãe voltava a pô-lo dentro da rede, voltava ele a cair, de maneira que deixou um rasto na terra entre o cimo do precipício e o convés do barco. Foi a derradeira coisa que nos ficou dele: uma recordação de vítima.

Deixaram a quinta intacta. Meus irmãos e eu subíamos a explorá-la em noites de pândega, quando voltávamos de férias, e cada vez descobríamos menos objectos de valor nas salas abandonadas. De uma delas recuperámos a malinha de mão que Angela Vicario pedira à mãe na noite de núpcias, mas não lhe demos atenção. O que achámos dentro dela pareciam ser os adereços normais para a higiene e a beleza de uma mulher, e só reconheci a sua verdadeira utilidade quando Angela Vicario me contou muitos anos mais tarde quais foram os artifícios de alcoviteira que lhe tinham ensinado para enganar o marido, Foi o único rasto que deixou naquele que tinha sido o seu lar de casada pelo espaço de cinco horas.

Anos depois, quando vim recolher os últimos testemunhos para esta crónica, já não sobravam sequer os resquícios da felicidade de Yolanda de Xius. As coisas tinham ido desaparecendo a pouco e pouco, apesar da teimosa vigilância do coronel Lázaro Aponte, inclusive o armário de seis espelhos de corpo inteiro que os mestres-cantores de Mompox tinham tido que armar dentro de casa, pois não cabia nas portas. A princípio, o viúvo Xius estava encantado, pensando que eram recursos póstumos da esposa para levar o que lhe pertencia. O coronel Lázaro Aponte fazia pouco dele. Mas uma noite lembrou-se de celebrar uma missa espírita para esclarecer o mistério, e a alma de Yolanda de Xius confirmou-lhe pelo próprio punho que realmente era ela que andava a recuperar para a sua casa da morte os velhos trastes da felicidade. A quinta começou a esfarelar-se. O carro do casamento foi-se desconjuntando à porta, e por fim não ficou dele senão a carcaça apodrecida pelas intempéries. Durante muitos anos não voltou a saber-se nada do dono. Há uma declaração sua nos autos, mas é tão breve e tão convencional, que parece atamancada à última hora para cumprir com uma fórmula iniludível. Da única vez que fui falar com ele, vinte e três anos mais tarde, recebeu-me com uma certa agressividade, e negou-se a fornecer o dado mais ínfimo que permitisse clarificar um pouco a sua participação no drama. Em todo o caso, nem os próprios pais sabiam dele muito mais que nós, nem tinham a menor ideia sobre o que viera ele fazer para uma terra tão longe de tudo, sem outra intenção aparente além de casar com uma mulher que nunca vira.

já de Angela Vicario tive sempre uma ou outra notícia breve que me inspirou uma imagem idealizada. Minha irmã freira andou algum tempo pela Alta Guajira, tentando converter os últimos idólatras, e costumava parar a conversar com ela na aldeia abrasada pelo sol das Caraíbas, onde a mãe tentara enterrá-la em vida. "Trago lembranças da tua prima", dizia-me sempre. Minha irmã Margot, que também a visitava nos primeiros anos, contou-me que tinham comprado um chalé com um pátio enorme de ventos cruzados, cujo único problema eram as noites de maré alta, quando as retretes transbordavam e os peixes amanheciam aos saltos nos quartos.

Todas as pessoas, que a viram nessa época, concordavam em que era uma mulher bastante despistada, porém muito desembaraçada com a máquina de bordar, e que através da sua indústria tinha atingido o esquecimento.

Muito depois, numa época incerta em que tentava compreender alguma coisa de mim próprio, vendendo enciclopédias e livros de medicina por terras da Guajira, fui ter casualmente àquele morredouro de índios. à janela de uma casa diante do mar, bordando à máquina na hora de maior calor, havia uma mulher de luto aliviado com óculos de arame e cãs desbotadas, e por cima da sua cabeça estava uma gaiola com um canário que não parava de cantar. Ao vê-la assim, dentro da moldura idílica da janela, recusei-me a crer que aquela mulher tinha sido quem eu pensava, pois não pude admitir que a vida acabasse por parecer-se tanto com a má literatura. Mas era ela: Angela Vicario vinte e três anos depois do drama.

Tratou-me como sempre me tinha tratado, como um primo afastado, e respondeu às minhas perguntas com muito bom ar e com sentido de humor. Era tão madura e arguta que dava trabalho pensar que fosse a mesma. O que mais me espantou foi a forma como ela tinha acabado por compreender a sua própria vida. Ao cabo de poucos minutos, já me não parecia tão envelhecido como à primeira vista, mas quase tão jovem como na minha lembrança, e não tinha nada em comum com a rapariga obrigada a casar sem amor aos vinte anos. A mãe, de uma velhice desmazelada, recebeu-me como se recebe um fantasma difícil. Não quis falar do passado, e tive que conformar-me para esta crónica com algumas frases soltas das suas conversas com minha mãe, e outras, poucas, recuperadas das minhas recordações. Tinha feito mais do que o possível para Angela Vicario morrer em vida, mas a filha malogrou-lhe essa intenção, já que nunca fez o mínimo mistério da sua desventura. Longe disso: contava-a a quem quisesse ouvi-la até ao pormenor, menos aquele que nunca haveria de ser aclarado: quem foi, como e quando, o verdadeiro causador da sua desonra, pois ninguém acreditou que tivesse sido realmente Santiago Nasar. Nunca ninguém os viu juntos, e muito menos sozinhos. Santiago Nasar era orgulhoso de mais para reparar nela. "A parva da tua prima", dizia-me, quando tinha que mencioná-la. Além disso, como então dizíamos, era gavião frangueiro. Andava sozinho, tal qual o pai, comendo o grelo a quanta donzela sem rumo começava a despontar por esses montes, mas nunca se lhe conheceu dentro da vila uma relação diferente da convencional que mantinha com Flora Miguel, e da outra tormentosa, que o enlouqueceu durante catorze meses, com Maria Alejandrina Cervantes. A versão mais corrente, talvez por ser a mais perversa, era que Angela Vicario estava a proteger alguém que amava de verdade, e escolhera Santiago Nasar porque jamais pensou que os irmãos se atreveriam contra ele. Eu próprio tentei arrancar-lhe esta verdade, quando a visitei da segunda vez, com todos os meus argumentos em ordem, mas ela quase nem levantou os olhos do bordado para rebatê-los.

— Primo, não lhe dê mais voltas — disse. Foi ele.

Contou o resto sem reticências, incluindo o desastre da noite de núpcias. Contou que as amigas a tinham industriado para embebedar o marido na cama até perder a razão, aparentar mais vergonha do que sentia quando ele apagasse a luz, fazer uma lavagem drástica com água de alúmen para fingir a virgindade, e manchar o lençol com mercurocromo para poder exibi-lo no dia seguinte no seu pátio de recém-casada. Duas únicas coisas que não tiveram as alcoviteiras em conta: a excepcional resistência de bebedor de Bayardo San Román, e a decência pura que Angela Vicario tinha, dentro da parvoíce imposta pela mãe. "Não fiz nada do que me disseram para fazer", disse-me, "pois quanto mais pensava nisso, mais percebia que tudo aquilo era uma porcaria que não se podia fazer a ninguém, e muito menos ao pobre homem que tivera a pouca sorte de casar comigo." De maneira que se deixou despir sem pejo no quarto com a luz acesa, a salvo já de todos os medos aprendidos que lhe tinham malogrado a vida. "Não custou nada" disse-me, "porque estava decidida a morrer."

O certo é que falava da sua desventura sem nenhum pudor para dissimular a outra desventura, a verdadeira, que lhe queimava as entranhas. Ninguém teria suspeitado sequer, até ela resolver contar-mo, que Bayardo San Román estava na sua vida para todo o sempre, desde que a levou de volta a casa. Foi um golpe de misericórdia. "De repente, quando a mamã começou a bater-me, comecei eu a lembrar-me dele", disse-me. Os murros doíam-lhe menos porque sabia que eram por ele. Continuou a pensar nele com um certo assombro de si própria, quando soluçava estendida no sofá da sala de jantar. "Não por causa da pancada nem por nada do que tinha acontecido", disse-me, "chorava por ele." Continuava a pensar nele enquanto a mãe lhe punha compressas de arnica na cara, e mais ainda quando ouviu o alarido na rua e os sinos tocando a fogo na torre da igreja, e a mãe entrou no quarto para dizer-lhe que já podia dormir, porque o pior estava passado.

Há muito tempo que pensava nele sem a mínima paixão, quando teve de acompanhar a mãe a uma consulta da vista no hospital de Rlohacha. De passagem entraram no Hotel do Porto, cujo proprietário conheciam, e Pura Vicario pediu um copo de água no bar. Estava a beber, de costas para a filha, quando esta viu o seu próprio pensamento reflectido nos espelhos repetidos da sala. Angela Vicario voltou a cabeça com as suas derradeiras forças, e viu-o passar a seu lado sem a ver, e viu-o sair do hotel. Depois olhou outra vez para a mãe com o coração despedaçado. Pura Vicario tinha acabado de beber, limpou os lábios à manga e sorriu-lhe do balcão com as lentes novas. Nesse sorriso, e pela primeira vez desde o seu nascimento, Angela Vicario viu-a tal qual era: uma pobre mulher consagrada ao culto dos seus defeitos. "Gaita", disse. Estava tão transtornada que fez toda a viagem de regresso cantando em voz alta, e estendeu-se na cama a chorar durante três dias.

Nasceu de novo. "Fiquei louca por ele", disse-me, "louca furiosa." Bastava fechar os olhos para vê-lo, ouvia-o respirar no mar, acordava-a a meio da noite o calor do seu corpo na cama. Em fins dessa semana, sem ter conseguido ter um minuto de sossego, escreveu-lhe a primeira carta. Foi uma missiva convencional, onde lhe

contava que o vira sair do hotel, e que teria gostado que ele a visse. Esperou em vão uma resposta. Ao fim de dois meses, cansada de esperar, mandou-lhe outra carta no mesmo estilo enviesado da anterior, cuja única intenção parecia ser a de censurar-lhe a falta de cortesia. Seis meses depois tinha escrito seis cartas sem resposta, mas conformou-se com a prova de que ele estava a recebê-las.

Dona pela primeira vez do seu destino, Angela Vicario descobriu então que o ódio e o amor são paixões recíprocas. Quantas mais cartas mandava, mais atiçava as brasas da sua febre, mas também mais aquecia o rancor feliz que sentia contra a mãe. "Revolviam-se-me as tripas só de a ver", disse-me, "mas não a podia ver sem me lembrar dele." A sua vida de casada devolvida continuava a ser tão simples como a de solteira, sempre a bordar à máquina com as amigas, como antes fazia túlipas de pano e pássaros de papel, mas quando a mãe ia deitar-se, ela ficava no quarto a escrever cartas sem futuro até quase de manhã. Tornou-se lúcida, imperiosa, senhora da sua vontade, e voltou a ser virgem só para ele, e não reconheceu outra autoridade senão a sua, nem mais servidão que a da sua obsessão.

Escreveu uma carta todas as semanas durante meia vida. "às vezes não me lembrava que dizer", disse-me morta de riso, "mas bastava-me saber que ele as recebia." A princípio foram cartões de cerimónia, depois foram pequenos papéis de amante furtiva, bilhetes perfumados de noiva fugaz, memoriais de negócios, documentos de amor, e por último foram as cartas indignas de uma esposa abandonada que inventava doenças cruéis para obrigá-lo a voltar. Uma noite de bom humor entornou-se-lhe o tinteiro por cima da carta acabada de escrever, e em vez de rasgá-la acrescentou um post-scriptum: "Como prova do meu amor mando-te as minhas lágrimas." De quando em vez, cansada de chorar, zombava da sua própria loucura. Seis vezes foi substituída a funcionária dos correios, e seis vezes ganhou a sua cumplicidade. Só não lhe passou pela cabeça uma coisa: renunciar. E, no entanto, ele parecia insensível ao seu delírio: era como se escrevesse para ninguém.

Uma madrugada de ventos, pelo ano décimo, acordou-a do sono a certeza de que ele estava nu na sua cama. Escreveu-lhe então uma carta febril de vinte folhas, na qual soltou sem pudor as verdades amargas que trazia apodrecidas no coração desde a noite funesta. Falou-lhe das cicatrizes eternas que ele deixara no seu corpo, do sal da sua língua, do rastilho de fogo da sua verga africana. Entregou-a à funcionária dos correios, que ia à sexta-feira à tarde bordar com ela para levar-lhe as cartas, e convenceu-se de que aquele desabafo final seria o derradeiro da sua agonia. A partir de então já não tinha consciência do que escrevia, nem sabia de ciência certa quem escrevia, mas continuou a escrever sem tréguas durante dezassete anos.

Num meio-dia de Agosto, estava ela a bordar com as amigas, sentiu que alguém chegava à porta. Não precisou de olhar para saber quem era. "Estava gordo e começava a cair-lhe o cabelo, e já usava óculos para ver ao perto", disse-me. "Mas era ele, gaita, era ele!" Assustou-se, porque sabia que a via tão decaída como ela o via, e não acreditava que tivesse dentro de si tanto amor como ela tinha para

suportar isso. Vestia uma camisa empapada em suor, como quando o vira pela primeira vez, e trazia a mesma correia e os mesmos alforjes de couro cru com enfeites de prata. Bayardo San Román deu um passo em frente, sem ligar às outras bordadeiras atónitas, e pousou os alforjes sobre a máquina de costura.

— Ora bem — disse —, aqui estou eu.

Trazia a mala da roupa para ficar, e outra mala igual com quase duas mil cartas que ela lhe escrevera. Estavam arrumadas por datas, em maços atados com fitas às cores, e todas por abrir.

DURANTE ANOS NÃO CONSEGUIMOS FALAR DE outra coisa. O nosso comportamento diário, até então dominado por tantos hábitos lineares, começara subitamente a girar à volta de uma mesma ansiedade comum. Surpreendiam-nos os galos do amanhecer, quando tentávamos ordenar os inúmeros acontecimentos fortuitos encadeados que tinham tornado possível o absurdo, e era evidente que o não fazíamos por um empenho de esclarecer mistérios, mas porque nenhum de nós podia continuar a viver sem saber exactamente qual o sítio e a missão que lhe designara a fatalidade.

Muita gente ficou sem saber. Cristo Bedoya, que chegou a ser um cirurgião notável, não conseguiu explicar a si próprio por que cedeu ao impulso de esperar duas horas em casa dos avós até o bispo chegar, em vez de ir descansar para casa dos pais, que ficaram à sua espera até ao romper do dia, para avisá-lo. Mas a maioria das pessoas que teriam podido fazer alguma coisa para impedir o crime e, no entanto, não o fizeram, consolaram-se com o pretexto de que os assuntos de honra são arquivos sagrados a que só têm acesso os donos do drama. "A honra é o amor", ouvia eu dizer à minha mãe. Hortensia Baute, cuja única participação foi ter visto manchadas de sangue as facas que ainda estavam limpas, sentiu-se tão afectada pela alucinação que caiu numa crise de penitência e um dia não conseguiu suportá-la e saiu em pêlo para a rua. Flora Miguel, a noiva de Santiago Nasar, fugiu por despeito com um tenente do Serviço de Fronteiras que a prostituiu entre os seringueiros do Vichada. Aura Villeros, a comadre que ajudara a nascer três gerações, sofreu um espasmo da bexiga quando lhe deram a notícia, e até ao dia da morte necessitou de sonda para urinar. D. Rogelio de la Flor, o bom do marido de Clotilde Armenta, que era um prodígio de vitalidade aos oitenta e seis anos, levantou-se pela última vez para ver como despedaçavam Santiago Nasar contra a porta fechada de sua casa, e não sobreviveu à comoção. Plácida Linero fechara essa porta à última da hora, mas livrou-se a tempo da culpa. "Fechei-a porque Divina Flor me jurou que tinha visto entrar o meu filho", contou-me, "e não era verdade." Mas, por outro lado, nunca se perdoou ter confundido o augúrio magnífico das árvores com o dos pássaros, infausto, e cedeu ao pernicioso costume do seu tempo de mastigar sementes de cardamina.

Doze dias depois do crime, o juiz instrutor deparou com uma vila em carne viva. No sórdido gabinete de pranchas dos Paços do Concelho, bebendo café de panela com rum de cana contra as miragens do calor, teve que pedir tropa de reforço para dominar a multidão que acorria a fazer declarações sem ser convocada, ansiosa por exhibir a sua própria importância no drama. Acabava de formar-se, e usava ainda o

fato escuro da Faculdade de Direito, e o anel de ouro com o emblema do seu curso, e a vaidadezinha e o lirismo do primíparo feliz. Mas eu nunca soube o nome dele. Tudo o que sabemos do seu carácter foi aprendido nos autos, que inúmeras pessoas me ajudaram a procurar, vinte anos depois do crime, no Palácio da justiça de Riohacha. Não existia qualquer classificação nos arquivos, e mais de um século de processos estava empilhado no pavimento do decrepito edifício colonial, que tinha sido pelo espaço de dois dias o quartel-general de Francis Drake. O rés-do-chão era inundado pelo mar de leva, e os livros desconjuntados flutuavam nas salas desertas. Eu próprio explorei muitas vezes com água até ao tornozelo aquele tanque de causas perdidas, e só um acaso me permitiu recuperar, ao fim de cinco anos de buscas, umas trezentas e vinte e duas folhas salteadas das mais de quinhentas que os autos deviam ter.

O nome do juiz não aparecia em nenhuma, mas é evidente que ele era um homem abrasado pela febre da literatura. Lera sem dúvida os clássicos espanhóis, e alguns latinos, e conhecia bastante bem Nietzsche, que era o autor da moda entre os magistrados do seu tempo. As notas à margem, e não apenas pela cor da tinta, pareciam redigidos com sangue. Estava tão perplexo com o enigma que lhe tocara em sorte, que frequentemente incorreu em divagações líricas, contrárias ao rigor do seu ofício. Acima de tudo nunca lhe pareceu legítimo que a vida se servisse de tantos acasos proibidos à literatura, para que viesse a cumprir-se sem entraves uma morte tão anunciada.

O que mais o alarmara no fim da sua diligência excessiva tinha sido, porém, não achar um só indício, nem mesmo o menos verosímil, de que Santiago Nasar fora realmente o causador da ofensa. As amigas de Angela Vicario, que tinham sido suas cúmplices no embuste, continuaram durante muito tempo a contar que ela as fizera participes do seu segredo desde antes do casamento, mas não lhes revelara nenhum nome. Nos autos declararam: "Disse-nos o milagre, mas não o santo." Angela Vicario, essa, ficou sempre na sua. Quando o juiz instrutor lhe perguntou, usando do seu estilo lateral, se sabia quem era o defunto Santiago Nasar, ela respondeu impassível:

— Foi o autor do meu crime.

Assim consta nos autos, mas sem mais precisão de modo nem de lugar. Durante o julgamento, que apenas durou três dias, o representante da parte civil pôs o maior empenho na fragilidade dessa acusação. Era tal a perplexidade do juiz instrutor ante a falta de provas contra Santiago Nasar, que o seu bom trabalho parece por momentos desvirtuado pela desilusão. As folhas quatrocentos e dezasseis, de seu próprio punho e com a tinta encarnada do boticário, redigiu uma nota à margem: "Dai-me um preconceito e moverei o mundo." Sob essa paráfrase de desalento, com um traço feliz feito com a mesma tinta de sangue, desenhou um coração trespassado por uma flecha. Para ele, como para os amigos mais chegados de Santiago Nasar, o próprio comportamento deste nas últimas horas foi uma prova da

sua inocência.

Na manhã da morte, de facto, Santiago Nasar não tivera um instante de dúvida, apesar de saber perfeitamente qual teria sido o preço da injúria que lhe imputavam. Conhecia a índole hipócrita do seu mundo, e devia saber que o feitio simplório dos gémeos não era capaz de resistir ao escárnio. Ninguém conhecia bem Bayardo San Román, mas Santiago Nasar dava-se suficientemente com ele para adivinhar que, sob a prosápia mundana, estava tão sujeito como qualquer outra pessoa aos preconceitos de origem. De maneira que a sua despreocupação consciente teria sido suicida. Além disso, quando finalmente soube que no último momento os irmãos Vicario estavam à espera dele para matá-lo, a sua reacção não foi de pânico, como tantas vezes se disse, mas mostrou, isso sim, o desconcerto da inocência.

A minha opinião pessoal é que ele morreu sem compreender a sua morte. Depois de prometer à minha irmã Margot que tomaria o pequeno-almoço em nossa casa, Cristo Bedoya agarrou-o por um braço e foi andando com ele ao longo do porto, e pareciam os dois tão desprevenidos que suscitaram falsas ilusões. "Iam tão contentes", disse-me Meme Loaiza, "que dei graças a Deus, porque pensei que as coisas se tinham arranjado." Nem toda a gente, claro, gostava de Santiago Nasar. Polo Camillo, dono do gerador, pensava que a sua calma não era inocência, mas cinismo. "Ele tinha ideia de que o dinheiro o fazia intocável", disse-me. Fausta López, mulher de Polo, comentou: "Como todos os Turcos." Indalecio Pardo acabava de passar pelo estabelecimento de Clotilde Armenta, e os gémeos tinham-lhe dito que, mal o bispo se fosse embora, matariam Santiago Nasar. Pensou, como tantas outras pessoas, que eram fantasias de tipos com ressaca, mas Clotilde Armenta fez-lhe ver que era verdade, e pediu-lhe que fosse ter com Santiago Nasar e o avisasse.

— Olha, estás práí a preocupar-te nem sei porquê — disse-lhe Pedro Vicario. — Seja como for é como se já estivesse morto.

Era um desafio demasiado evidente. Os gémeos sabiam do parentesco entre Indalecio Pardo e Santiago Nasar, e devem ter pensado que era a pessoa indicada para impedir o crime sem ficarem cobertos de vergonha. Mas Indalecio Pardo viu Santiago Nasar quando Cristo Bedoya o levava pelo braço por entre os grupos que vinham do porto, e não se atreveu a avisá-lo. "Não tive tomates", disse-me. Deu uma palmada nas costas a cada um, e deixou-os seguir. Eles mal o viram, pois continuavam enfronhados nas contas do casamento.

As pessoas dispersavam-se a caminho da praça na mesma direcção que eles. Era uma multidão compacta, mas Escolástica Cisneros acha que viu os dois amigos caminharem pelo centro sem dificuldade, dentro de um círculo, porque as pessoas sabiam que Santiago Nasar ia morrer, e não se atreviam a tocar nele. Também Cristo Bedoya recordava uma atitude diferente para com ambos. "Olhavam-nos como se tivéssemos a cara pintada", disse-me. E mais: Sara Noriega abriu a loja de calçado quando eles iam a passar, e espantou-se com a palidez de Santiago Nasar.

Mas este tranquilizou-a.

— Ora, menina Sara — disse-lhe sem se deter — com a ressaca que tenho!

Celeste Dangond estava sentada, de pijama, à porta de casa, zombando dos que tinham ficado vestidos para cumprimentar o bispo, e convidou Santiago Nasar a tomar um café. "Foi para ganhar tempo enquanto pensava", disse-me. Mas Santiago Nasar respondeu-lhe que ia num instante mudar de roupa para tomar o pequeno-almoço com minha irmã. "Deixei correr o marfim", explicou-me Celeste Dangond, "porque de repente pareceu-me que não podiam matá-lo, estando ele tão seguro do que ia fazer." Yamil Shaium foi a única pessoa que fez o que se tinha proposto. Mal soube do boato postou-se à porta da sua mercearia e esperou por Santiago Nasar para avisá-lo. Era um dos últimos árabes vindos com Ibrahim Nasar, fora seu parceiro de cartas até à morte, e continuava a ser o conselheiro hereditário da família. Ninguém tinha mais autoridade do que ele para falar com Santiago Nasar. Pensava porém, que sendo o boato infundado iria provocar-lhe um alarme inútil, e preferiu consultar primeiro Cristo Bedoya a ver se este estava mais bem informado. Chamou-o quando passavam. Cristo Bedoya deu uma palmada nas costas de Santiago Nasar, já na esquina da praça, e acudiu ao chamamento de Yamil Shaium.

— Até sábado — disse-lhe.

Santiago Nasar não respondeu, mas em vez disso, dirigiu-se em árabe a Yamil Shaium e este replicou-lhe também em árabe, retorcendo-se de gozo. "Era um jogo de palavras com que sempre nos divertíamos", disse-me Yamil Shaium. Sem parar, Santiago Nasar fez a ambos o seu sinal de adeus com a mão e dobrou a esquina da praça. Foi a última vez que qualquer deles o viu.

Cristo Bedoya quase não teve tempo de ouvir a informação de Yamil Shaium, antes de sair da loja para apanhar Santiago Nasar. Tinha-o visto dobrar a esquina, mas não o encontrou entre os grupos que começavam a dispersar-se pela praça. Várias pessoas a quem perguntou por ele deram-lhe a mesma resposta:

— Vi-o agora mesmo contigo.

Pareceu-lhe impossível que tivesse chegado a casa em tão pouco tempo, mas de qualquer forma entrou e perguntou por ele, pois deu com a porta da frente sem tranca e entreaberta. Entrou sem ver o papel no chão, e atravessou a sala às escuras, tentando não fazer barulho, porque ainda era muito cedo para visitas, mas os cães agitaram-se nos fundos da casa e saíram ao seu encontro. Sossegou-os com as chaves, como aprendera a fazer com o dono, e seguiu acossado por eles até à cozinha. No corredor cruzou-se com Divina Flor, que trazia um balde de água e um esfregão para limpar o chão da sala. Ela garantiu-lhe que Santiago Nasar ainda não tinha voltado. Victoria Guzmán acabava de pôr ao fogão o guisado de coelho, quando ele entrou na cozinha. "Saía-lhe o coração pela boca", disse-me. Cristo Bedoya perguntou-lhe se Santiago Nasar estava em casa, e ela respondeu com uma candura fingida que ainda não tinha chegado para se deitar.

— A sério — disse-lhe Cristo Bedoya — andam atrás dele para matá-lo.

Victoria Guzmán pôs de parte a candura.

— Coitados desses moços, matam lá alguém — disse.

— Desde sábado que eles não fazem senão beber — disse Cristo Bedoya.

— Por isso mesmo — replicou ela —, porcos com frio e homens com vinho só fazem arruído.

Cristo Bedoya voltou para a sala, onde Divina Flor acabava de abrir as janelas. "De certeza que não estava a chover", disse-me Cristo Bedoya. "Ainda não eram sete, e já entrava pelas janelas um sol dourado." Perguntou de novo a Divina Flor se tinha a certeza que Santiago Nasar não entrara pela porta da sala. Ela não se mostrou então tão segura como da vez anterior. Perguntou por Plácida Linero, e ela respondeu que tinha ido há instantes pôr-lhe o café na mesinha-de-cabeceira, mas não a acordara. Era assim sempre: acordaria às sete, tomaria o café, e desceria a dar ordens para o almoço. Cristo Bedoya olhou para o relógio: eram 6 e 56. Subiu então ao piso de cima para certificar-se de que Santiago Nasar não entrara.

A porta do quarto dele estava fechada por dentro, porque Santiago Nasar tinha saído pelo quarto da mãe. Cristo Bedoya não só conhecia a casa tão bem como a sua, como tinha tanta confiança com a família que empurrou a porta do quarto de Plácida Linero para dali passar ao quarto do lado. Um raio de sol perlado de pó entrava pela clarabóia, e a bela mulher adormecida na rede, deitada de costas, com a mão de noiva encostada à cara, tinha um aspecto irreal. "Foi como uma aparição", disse-me Cristo Bedoya. Contemplou-a um momento, fascinado pela sua beleza, passou de largo pela casa de banho, e entrou no quarto de Santiago Nasar. A cama continuava intacta, e na poltrona estava a roupa de montar muito bem passada, e em cima da roupa estava o chapéu de aba larga de cavaleiro, e no chão estavam as botas e junto delas as esporas. Na mesinha-de-cabeceira o relógio de pulso de Santiago Nasar marcava 6 e 58. "De repente pensei que ele voltara a sair armado", disse-me Cristo Bedoya. Mas foi dar com o Magnum na gaveta da mesinha-de-cabeceira. "Nunca tinha dado um tiro", disse-me Cristo Bedoya, "mas resolvi agarrar no revólver para o levar a Santiago Nasar." Prendeu-o no cinto, por dentro da camisa, e só depois do crime reparou que estava descarregado. Plácida Linero apareceu à porta com a chávena de café na mão, no preciso instante em que ele fechava a gaveta.

— Meu Deus — exclamou ela —, pregaste-me cá um susto!

Cristo Bedoya também se assustou. Viu-a em plena luz, com um robe de cotovias douradas e o cabelo solto, e o encanto desvaneceu-se. Meio confuso explicou que tinha entrado para vir buscar Santiago Nasar.

— Foi receber o bispo — disse Plácida Linero.

— Passou de largo — disse ele.

— Percebi logo — disse ela —, é um filho de má mãe.

Não disse mais nada, porque nesse momento reparou que Cristo Bedoya não sabia onde pôr os pés. "Espero que Deus me tenha perdoado", disse-me Plácida Linero, "mas vi-o tão atrapalhado que de repente só me lembrou que tinha vindo roubar alguma coisa." Perguntou-lhe o que se passava. Cristo Bedoya tinha perfeita consciência de estar numa situação duvidosa, mas não teve coragem para revelar-lhe a verdade.

— É que não dormi nem um minuto — disse.

Desandou sem mais explicações. "De qualquer maneira", disse-me ele, "tinha sempre a ideia que estavam a roubá-la." Na praça encontrou-se com o padre Amador que regressava à igreja com os paramentos da missa frustrada, mas não lhe pareceu que pudesse fazer por Santiago Nasar mais do que salvar a sua alma. Ia outra vez a caminho do porto quando ouviu chamarem por ele do estabelecimento de Clotilde Armenta. Pedro Vicario estava à porta, lívido e desgrenhado, com a camisa aberta e as mangas enroladas até ao cotovelo, e tendo na mão a faca grossa que ele próprio fabricara de uma folha de serra. A sua atitude era insolente de mais para ser casual, e no entanto não fora a única nem a mais visível que tinha tomado nos últimos minutos para que o impedissem de cometer o crime.

— Cristóbal — gritou —, diz a Santiago Nasar que aqui o esperamos para matá-lo!

Cristo Bedoya ter-lhe-ia feito o favor de estorvá-lo. "Se eu soubesse atirar com um revólver, Santiago Nasar estaria hoje vivo", disse-me. Mas só de pensar nisso ficou impressionado, depois de tudo o que ouvira dizer sobre a potência devastadora de uma bala blindada.

— Fica sabendo que ele está armado com um Magnum capaz de atravessar uma chapa de ferro! — gritou.

Pedro Vicario sabia que não era verdade. "Nunca ia armado, se vestia a roupa de montar", disse-me. Mas de qualquer forma previra essa hipótese quando tomou a decisão de lavar a honra da irmã.

— Os mortos não disparam! — gritou.

Pablo Vicario surgiu nesse momento à porta. Tão pálido como o irmão, trazia pelas costas o casaco de casamento e segurava na mão a faca embrulhada em papel de jornal. "Não fora por isso", disse-me Cristo Bedoya, "e eu nunca teria sabido quem era um e quem era outro." Clotilde Armenta apareceu por trás de Pablo Vicario, e gritou a Cristo Bedoya que não perdesse tempo, porque naquela terra de maricas só um homem como ele podia impedir a tragédia.

Tudo o que aconteceu a partir daí foi do domínio público. As pessoas que regressavam do porto, alertadas pelos gritos, começaram a tomar posição na praça para assistir ao crime. Cristo Bedoya perguntou a vários conhecidos por Santiago Nasar, mas ninguém o vira. à porta do Clube Social encontrou-se com o coronel Lázaro Aponte e contou-lhe o que acabava de suceder em frente do estabelecimento de Clotilde Armenta.

— Não pode ser — disse o coronel Aponte — porque eu mandei-os para a cama.

— Vi-os agora mesmo com uma faca de matar porcos — disse Cristo Bedoya.

— Não pode ser, porque eu tirei-lhes as facas antes de os mandar deitar — disse o presidente da Câmara. — Se calhar viste-os foi antes disso.

— Vi-os há dois minutos e cada um deles tinha uma faca de matar porcos — disse Cristo Bedoya.

— ó porra — disse o presidente da Câmara — querem ver que foram buscar outras?

Prometeu ocupar-se do caso imediatamente, mas entrou no Clube Social a confirmar uma partida de dominó para essa noite, e quando voltou a sair já estava consumado o crime. Cristo Bedoya cometeu então o seu único erro fatal: pensou que Santiago Nasar tinha resolvido à última da hora ir tomar o pequeno-almoço a nossa casa antes de mudar de roupa, e para lá se dirigiu à procura dele. Estugou o passo pela beira-rio, perguntando a todas as pessoas que encontrava se o tinham visto passar, mas ninguém soube dizer. Não se alarmou, porque havia outros caminhos para nossa casa. Próspera Arango, a bogotana, suplicou-lhe que fizesse alguma coisa pelo pai que agonizava no patamar, imune à bênção fugaz do bispo. "Eu tinha-o visto quando passei por lá", disse-me minha irmã Margot, "e já tinha cara de morto." Cristo Bedoya demorou quatro minutos a ver o doente, e prometeu voltar mais tarde para um tratamento de urgência, mas perdeu outros três minutos, ajudando Próspera Arango a levá-lo para o quarto. Quando voltou a sair ouviu gritos remotos e pareceu-lhe que estavam a queimar foguetes no caminho para a praça. Quis correr, mas não conseguiu por causa do revólver mal ajustado ao cinto. Ao dobrar a última esquina reconheceu pelas costas minha mãe que levava quase de rojo o filho mais novo.

— Luísa Santiaga — gritou-lhe —, onde está o seu afilhado?

— Ai filho — respondeu ela —, consta que o mataram!

Assim fora. Enquanto Cristo Bedoya o procurava, Santiago Nasar tinha entrado em casa de Flora Miguel, sua noiva, mesmo ao voltar da esquina onde ele o vira pela última vez. "Não me lembrou que estivesse ali", disse-me, "porque essa gente nunca se levantava antes do meio-dia." Era versão corrente que toda a família ficava na cama até ao meio-dia por ordem de Nahir Miguel, o homem sábio da comunidade. "Por isso Flora Miguel, que já não dava para ser cozinhada em duas águas, conservava-se fresca como uma rosa", diz Mercedes. A verdade é que deixavam a casa fechada até bastante tarde, como muitas outras, mas eram gente madrugadora e laboriosa. Os pais de Santiago Nasar e de Flora Miguel tinham combinado casá-los um com o outro. Santiago Nasar aceitou o compromisso em plena adolescência, e estava decidido a honrá-lo, talvez por ter do casamento a mesma concepção utilitária que o pai. Flora Miguel, pelo seu lado, gozava de uma certa condição floral, mas carecia de graça e de tino e já servira de madrinha de casamento a toda a sua

geração, de maneira que a combinação foi para ela uma solução providencial. Tinham um noivado fácil, sem visitas formais nem desassossegos do coração. O casamento, várias vezes adiado, estava finalmente aprazado para o próximo Natal.

Flora Miguel acordou naquela segunda-feira com os primeiros bramidos do barco do bispo, e logo a seguir inteirou-se de que os gémeos Vicario estavam à espera de Santiago Nasar para matá-lo. Confessou à minha irmã freira, a única pessoa que falou com ela depois da desgraça, que se não lembrava sequer de quem lhe tinha dito isso. "Só sei que às seis da manhã já toda a gente sabia", disse-lhe. Pareceu-lhe inconcebível, porém, que fossem matar Santiago Nasar, e pensou que iam mas era casá-lo à força com Angela Vicario para lhe devolverem a honra. Sofreu uma crise de humilhação. Enquanto metade da vila esperava o bispo, ela estava no quarto, chorando de raiva e pondo em ordem o cofre das cartas que Santiago Nasar lhe mandara desde o tempo do colégio.

Todas as vezes que passava por casa de Flora Miguel, mesmo que não estivesse ninguém, Santiago Nasar raspava com as chaves a rede metálica das janelas. Naquela segunda-feira ela estava à sua espera com o cofre das cartas no regaço. Santiago Nasar não podia vê-la da rua, mas em compensação viu-o ela aproximar-se através da rede metálica, antes mesmo de raspar com as chaves.

— Entra — disse-lhe.

Ninguém, nem sequer um médico, jamais entrara naquela casa às 6.45 da manhã. Santiago Nasar acabava de deixar Cristo Bedoya na loja de Yamil Shaium, e havia tanta gente pendente dele na praça que não se percebe que ninguém o tivesse visto entrar em casa da noiva. O juiz instrutor procurou ao menos uma pessoa que o tivesse visto, e fê-lo com tanta persistência como eu, mas não se encontrou nenhuma. A folhas trezentos e oitenta e dois dos autos escreveu outra nota à margem com tinta encarnada: "A fatalidade faz-nos invisíveis." O facto é que Santiago Nasar entrou pela porta principal, à vista de toda a gente, e sem fazer o que quer que fosse para não ser visto. Flora Miguel esperava-o na sala, verde de cólera, com um daqueles vestidos de folhos infelizes que costumava pôr nas ocasiões memoráveis, e passou-lhe o cofre para as mãos.

— Toma — disse-lhe. — E oxalá te matem.

Santiago Nasar ficou tão perplexo que o cofre se lhe escapou das mãos, e as suas cartas sem amor espalharam-se pelo chão. Tentou alcançar Flora Miguel no quarto, mas esta fechou a porta e correu o ferrolho. Bateu várias vezes, e chamou-a com uma voz demasiado pressurosa para aquela hora, de maneira que toda a família correu alarmada. Entre parentes consanguíneos e por afinidade, maiores e menores de idade, eram mais de catorze. O último a surgir foi Nahir Miguel, o pai, com a sua barba ruiva e ajilaba de beduíno que trouxera da sua terra, e que sempre usou dentro de casa. Vi-o muitas vezes, e era imenso e parcimonioso, mas o que mais me impressionava nele era o fulgor da sua autoridade.

— Flora — chamou na sua língua. — Abre essa porta.

Entrou no quarto da filha, enquanto a família contemplava absorta Santiago Nasar. "Desde o primeiro momento percebi que não fazia a menor ideia do que eu lhe dizia", disse-me. Então perguntou-lhe em concreto se sabia que os irmãos Vicario andavam à procura dele para matá-lo. "Empalideceu, e perdeu de tal maneira o domínio de si que não era possível pensar que estivesse a fingir", disse-me. Coincidiu em afirmar que a sua atitude não era tanto de medo como de perturbação.

— Tu é que sabes se eles têm razão ou não — disse-lhe. — Mas em todo o caso, não te restam agora senão dois caminhos: ou te escondes aqui, que é casa tua, ou saís lá para fora com a minha espingarda.

— Uma porra se eu percebo alguma coisa — disse Santiago Nasar.

Foi tudo o que conseguiu dizer, e disse-o em castelhano. "Parecia um passarito molhado", disse-me Nahir Miguel. Teve de tirar-lhe o cofre das mãos porque ele não sabia onde pô-lo para abrir a porta.

— Vão ser dois contra um — disse-lhe.

Santiago Nasar foi-se embora. As pessoas tinham-se postado na praça como num dia de cortejo. Toda a gente o viu sair, e toda a gente pensou que ele já sabia que iam matá-lo, e estava tão atordoado que não achava o caminho para casa. Dizem que alguém gritou de uma varanda.— "Por aí não, turco, pelo porto velho." Santiago Nasar tentou localizar a voz. Yamil Shaium gritou-lhe que se metesse na sua loja, e foi lá dentro buscar a caçadeira, mas não se lembrava onde tinha escondido os cartuchos. De todos os lados começaram a gritar-lhe, e Santiago Nasar deu várias voltas do avesso e do direito, deslumbrado por tantas vozes simultâneas. Era evidente que se encaminhava para casa pela porta da cozinha, mas de repente deve ter reparado que estava aberta a porta principal.

— Aí vem ele — disse Pedro Vicario.

Os dois tinham-no visto ao mesmo tempo. Pablo Vicario despiu o casaco, pousou-o em cima do tamborete, e desembrolhou a faca em forma de alfange. Antes de saírem da leitaria, e sem combinarem entre si, persignaram-se ambos. Então Clotilde Armenta agarrou Pedro Vicario pela camisa e gritou a Santiago Nasar que corresse porque iam matá-lo. Foi um grito tão arrepiante que abafou todos os outros. "De começo assustou-se", disse-me Clotilde Armenta, "porque não sabia quem lhe gritava, nem de onde." Mas quando a viu a ela viu também Pedro Vicario, que a fez cair com um safanão, e se chegou ao irmão. Santiago Nasar estava a menos de cinquenta metros de casa., e correu até à porta principal.

Cinco minutos antes, na cozinha, Victoria Guzmán contara a Plácida Linero o que toda a gente já sabia. Plácida Linero era uma mulher de nervos sólidos, de maneira que não deixou transpirar o mínimo sinal de alarme. Perguntou a Victoria Guzmán se dissera alguma coisa ao filho, e ela mentiu descaradamente, pois respondeu que ainda não sabia de nada quando ele desceu para tomar café. Na sala,

onde continuava a esfregar o chão, Divina Flor viu ao mesmo tempo que Santiago Nasar entrava pela porta da praça e subia as escadas de navio para o andar dos quartos. "Foi uma visão nítida", contou-me Divina Flor. "Trazia vestido o fato branco, e não sei quê na mão que eu não conseguia ver bem, mas que me pareceu um ramo de rosas." De maneira que, quando Plácida Linero perguntou por ele, Divina Flor sossegou-a:

— Subiu para o quarto há coisa de um minuto — disse-lhe.

Plácida Linero viu então o papel no chão, mas não pensou em apanhá-lo, e só se inteirou do que dizia, quando alguém lho mostrou mais tarde na confusão da tragédia. Através da porta viu os irmãos Vicario que corriam para a casa com as facas a descoberto. Do sítio em que estava podia vê-los a eles, mas não conseguia ver o filho que corria do outro ângulo para a porta. "Pensei que eles queriam meter-se aqui para matá-lo dentro de casa", disse-me. Então correu para a porta e fechou-a com um empurrão. Estava a pôr a tranca quando ouviu os gritos de Santiago Nasar, e ouviu os murros de terror na porta, mas pensou que ele estava lá em cima, insultando os irmãos Vicario da varanda do quarto. Subiu em sua ajuda.

Santiago Nasar precisava de uns segundos, poucos, para entrar, quando se fechou a porta. Ainda conseguiu bater várias vezes com os punhos, e logo a seguir voltou-se para enfrentar de mãos limpas os seus inimigos. "Assustei-me quando o vi pela frente", disse-me Pablo Vicario, "porque me pareceu duas vezes maior do que era." Santiago Nasar ergueu a mão para aparar o primeiro golpe de Pedro Vicario, que o atacou pelo flanco direito com a faca na perpendicular.

— Filhos da puta! — gritou. A faca atravessou-lhe a palma da mão direita, e mergulhou de imediato até ao fundo do costado.

Toda a gente ouviu o seu grito de dor.

— Ai minha mãe!

Pedro Vicario puxou a faca para fora com o seu pulso rude de magarefe, e assestou-lhe um segundo golpe quase no mesmo sítio. "O estranho é que a faca voltava a sair limpa", declarou Pedro Vicario ao juiz instrutor. "Eu já lhe tinha dado praí umas três vezes e não via gota de sangue." Santiago Nasar torceu-se com os braços cruzados sobre o ventre depois da terceira facada, soltou um gemido de bezerro, e tentou virar-se de costas. Pablo Vicario, postado à sua esquerda com a faca recurva, assestou-lhe então a única facada no lombo, e um jacto de sangue a alta pressão encharcou-lhe a camisa. "Cheirava como ele", disse-me. Três vezes ferido de morte, Santiago Nasar enfrentou-os novamente, e apoiou-se de costas contra a porta da mãe, sem a menor resistência, como se quisesse tão-só ajudá-los a acabar com ele em partes iguais. "Não voltou a gritar", disse Pedro Vicario ao juiz instrutor. "Pelo contrário: pareceu-me a mim que se ria." Os dois continuaram a esfaqueá-lo de encontro à porta, com golpes alternados e fáceis, flutuando no remanso deslumbrante que encontraram do outro lado do medo. Não ouviram os gritos da vila inteira espantada com o seu próprio crime. "Sentia-me como quando

se vai à carreira num cavalo", declarou Pablo Vicario. Mas rapidamente despertaram ambos para a realidade, porque estavam exaustos, e apesar disso parecia-lhes que Santiago Nasar não iria cair nunca. "Porra, primo", disse-me Pablo Vicario, "sabes lá como é difícil matar um homem. Não fazes ideia!" Tentando acabar de uma vez por todas, Pedro Vicario procurou o coração, mas procurou-o quase na axila, onde o têm os porcos. De facto Santiago Nasar não caía porque eles estavam a escorá-lo à fachada de encontro à porta. Desesperado, Pablo Vicario deu-lhe um talho horizontal no ventre, e os intestinos afloraram com uma explosão. Pedro Vicario ia a fazer o mesmo, mas o pulso torceu-se-lhe de horror, e então deu-lhe um talho extraviado na coxa. Santiago Nasar ficou ainda um instante apoiado contra a porta, até que viu as suas próprias vísceras ao sol, limpas e azuis, e caiu de joelhos.

Depois de procurá-lo aos gritos pelos quartos do andar de cima, ouvindo sem saber de onde vinham outros gritos que não eram os seus, Plácida Linero assomou à janela da praça e viu os gémeos Vicario que corriam para a igreja. Eram perseguidos de perto por Yamil Shaíum, com a sua espingarda de matar jaguares, e por outros árabes desarmados, e Plácida Linero achou que o perigo tinha passado. Saiu então para a varanda do quarto, e viu Santiago Nasar em frente da porta, de borco no pó, tentando erguer-se do seu próprio sangue. Levantou-se de lado, e começou a andar num estado de alucinação, segurando com as mãos as vísceras pendentes. Caminhou mais de cem metros para dar a volta completa à casa e entrar pela porta da cozinha. Teve ainda a lucidez bastante para não ir pela rua, que era o trajecto mais longo, entrando na casa contígua. Poncho Lanao, a mulher e os cinco filhos não tinham dado pelo que acabava de acontecer a vinte passos da sua porta. "Ouvimos a gritaria", disse-me a mulher, "mas pensámos que era a festa do bispo." Começavam a tomar o pequeno-almoço, quando viram entrar Santiago Nasar encharcado em sangue e segurando nas mãos o cacho das suas entranhas. Poncho Lanao disse-me: "O que eu nunca pude esquecer foi aquele fedor a merda." Mas Argénida Lanao, a filha mais velha, contou que Santiago Nasar caminhava com a altivez de sempre, medindo bem os passos, e que o seu rosto de sarraceno com os caracóis revoltos era mais belo do que nunca. Ao passar em frente da mesa sorriu para eles, e continuou através dos quartos até à porta de trás. "Ficámos paralisados de susto", disse-me Argénida Lanao. Minha tia Wenefrida Márquez estava a escamar um sável no quintal da sua casa, do outro lado do rio, e viu-o descer a escadaria do cais antigo, procurando com passo firme o caminho para sua casa.

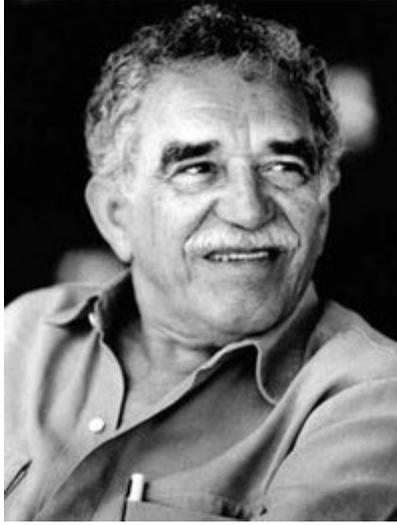
— Santiago, meu filho — gritou —, que tens tu?

Santiago Nasar reconheceu-a.

— Mataram-me, menina Wene — disse ele.

Tropeçou no último degrau, mas levantou-se logo. "Teve mesmo o cuidado de sacudir com a mão a terra que tinha nas tripas", disse-me minha tia Wene. Depois, entrou em casa pela porta de trás, que estava aberta desde as seis, e desabou de bruços na cozinha.

Autor e a Obra



Gabriel García Márquez, escritor colombiano, nasceu em Aracataca, Magdalena, em 6 de Outubro de 1928. Depois dos estudos universitários, enveredou pelo jornalismo, atividade que ainda hoje conserva. Escreveu para diversas publicações e mais tarde tornou-se cronista regular no El Espectador.

Em 1959 colaborou na criação da Prensa Latina, a agência noticiosa da jovem República de Cuba que viria a abandonar em 1961 para se instalar no México, participando cada vez mais ativamente na vida política do continente. O regresso ao seu país seria entrecortado por numerosas viagens até nova saída em 1980.

A sua intensa e riquíssima carreira de escritor, com início em 1947, ao publicar os seus primeiros contos no El Espectador, culminou com o romance Cem Anos de Solidão (1967) e mereceu-lhe a atribuição do Prêmio Nobel da Literatura de 1982.

Da vasta produção do mais célebre escritor da América Latina, salienta-se, ainda: A Revoada (1955), Ninguém Escreve ao Coronel (1961), Os Funerais da Mamã Grande (1962), A Incrível e Triste História de Cândida Eréndira e de Sua Avó Desalmada (1972), O Outono do Patriarca (1975), Crônica de Uma Morte Anunciada (1981), e O Amor nos Tempos do Cólera (1985).

NOTAS

{1} Conjuntos orquestrais típicos da costa atlântica da Colômbia. (N.do T.)

{2} Dança (e canção) originária da República Dominicana, hoje estendida aos demais países das Caraíbas e popularizada até mesmo em Angola. (N. do T.)

{3} Dança típica da costa atlântica da Colômbia. (N. do T.)

{4} Em catalão no original. Traduzido literalmente para português: Colhões de Deus. (N. do T)